

Karina Simões Moura de Moura



**INTERFERÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NOS
RELACIONAMENTOS CONJUGAIS**

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

Porto, 2019

Karina Simões Moura de Moura



**INTERFERÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NOS
RELACIONAMENTOS CONJUGAIS**

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

Porto, 2019

Karina Simões Moura de Moura

Assinatura: _____

**INTERFERÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NOS
RELACIONAMENTOS CONJUGAIS**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob a orientação do Professor Doutor Pedro Cunha.

Resumo

O presente estudo buscou analisar a interferência das redes sociais nos relacionamentos conjugais e suas consequências para a vida do casal. É evidente que as novas tecnologias têm causado impacto na vida das pessoas e, no caso das redes sociais, estas podem ou não influenciar na relação conjugal.

Diante disso, o referencial teórico centrado em dois capítulos vem discorrer sobre a relação conjugal e a interferência das redes sociais na vida do casal. O primeiro capítulo buscou retratar o contexto histórico da relação conjugal, a perspectiva sistêmica, a resolução dos conflitos, a perspectiva psicológica do casal e a satisfação e insatisfação do casal. No segundo capítulo, foi possível descrever a inserção das tecnologias no relacionamento conjugal, bem como a comunicação no relacionamento, a interferência da tecnologia na intimidade do casal e as abordagens terapêuticas na relação.

Na parte empírica, o estudo contou com uma amostra por conveniência composta por dez casais, cujos requisitos de inclusão da amostragem foram cumpridos e as devidas autorizações dadas por todos os participantes.

Da análise e discussão de resultados, com a aplicação do teste EASAVIC, foi possível compreender que todos os casais obtiveram um valor de somatório acima do ponto de corte, reforçando, assim, a satisfação conjugal de cada casal. Contudo, os resultados voltados para a entrevista com cada cônjuge demonstraram algumas insatisfações ao longo da análise, porém, mesmo com algumas categorias tendo esse item de insatisfação, foi possível verificar que, dos dez casais investigados, nove se consideram satisfeitos com a relação, embora vivenciem alguns conflitos na relação. Apenas um casal foi considerado insatisfeito.

Ainda que diante de algumas limitações, os objetivos definidos para a investigação foram cumpridos, permitindo-nos compreender e avaliar o processo de comunicação do casal e a interferência das redes sociais na relação.

Palavras-Chave: Relacionamento conjugal; Interferência das Redes Sociais; Comunicação; Satisfação Conjugal.

Abstract

This study aimed to analyze the interference of social networks in marital relationships and their consequences for the couple's life. It is evident that new technologies have had an impact on people's lives and, in the case of social networks, these may or may not influence the marital relationship.

Given this, the theoretical framework centered in two chapters discusses the marital relationship and the interference of social networks in the couple's life. The first chapter sought to portray the historical context of the marital relationship, the systemic perspective, conflict resolution, the couple's psychological perspective and the couple's satisfaction and dissatisfaction. In the second chapter, it was possible to describe the insertion of technologies in the marital relationship, as well as the communication in the relationship, the interference of technology in the couple's intimacy and the therapeutic approaches in the relationship.

In the empirical part, the study had a convenience sample composed of ten couples, whose inclusion requirements were met and the proper authorizations given by all participants.

From the analysis and discussion of results, with the application of the EASAVIC test, it was possible to understand that all couples obtained a sum value above the cutoff, thus reinforcing the marital satisfaction of each couple. However, the results of the interview with each spouse showed some dissatisfaction throughout the analysis, but even with some categories having this item of dissatisfaction, it was possible to verify that, of the ten couples investigated, nine consider themselves satisfied with the relationship, although experience some conflicts in the relationship. Only one couple was considered dissatisfied.

Despite some limitations, the objectives set for the investigation were met, allowing us to understand and evaluate the communication process of the couple and the interference of social networks in the relationship.

Keywords: Marital Relationship; Social Network Interference; Communication; Marital Satisfaction.

DEDICATÓRIA

Dedico ao meu pai, Kleber Cruz Marques Filho (*in memoriam*), que se sentiria orgulhoso de ver onde fui capaz de chegar.

Ao meu filho, Enzo Gabriel, que compreendeu meu esforço e minha ausência nessa caminhada.

Ao meu querido marido, Fabiano Moura, que é fonte de minha inspiração, de criatividade, de amor e de cumplicidade jamais vivida por mim antes.

À minha mãe, Mara Simões, sem ela eu não chegaria até aqui.

Aos meus pacientes, com os quais, nessa jornada de 20 anos de clínica, cresci a cada sessão.

Enfim, a Deus, a razão da minha existência e da minha fé.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe por ter me inspirado a seguir a trajetória acadêmica, mostrando sempre que esse caminho é uma construção diária de saberes e de questionamentos.

Agradeço ao meu marido Fabiano Moura, que juntamente comigo acreditou nesse projeto e sempre me incentivou a não desistir diante dos obstáculos. Ao meu filho Enzo Gabriel Simões, pelo amor e paciência nessa jornada percorrida.

Ao meu querido orientador Professor Dr. Pedro Cunha, que sempre esteve junto e disposto com paciência, com sabedoria e com suas palavras certas nas horas certas.

ÍNDICE

Resumo.....	V
Abstract.....	VI
DEDICATÓRIA.....	VII
AGRADECIMENTOS	VIII
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	XIV
Introdução.....	1
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
CAPÍTULO I – O casal do séc. XXI.....	5
1.1.O contexto histórico da perspetiva do casal	5
1.1.1.Alteração no modo de configuração da união entre duas pessoas	5
1.1.2 Perspetivas atuais de configuração de um casal	7
1.2.A perspetiva sistêmica e a relação de casal.....	9
1.2.1. Terapia sistêmica: a família como sistema.....	9
1.2.2A relação do casal como sistema.....	11
1.2.3.Gestão de conflitos: o olhar sistêmico sobre os casais.....	12
1.3.A perspetiva psicológica do casal	13
1.4.A satisfação e insatisfação do casal.....	17
1.4.1.Satisfação e bem-estar.....	17
1.4.2.Satisfação e insatisfação conjugal	21
CAPÍTULO II – A tecnologia e o relacionamento conjugal.....	26
2.1.A comunicação e a tecnologia no relacionamento conjugal.....	26
2.1.1. Implicações da tecnologia na comunicação dos casais	26
2.1.2 Redes Sociais e aplicativos digitais de comunicação	28
2.2. A interferência da tecnologia na intimidade do casal.....	30
2.3. Problemas de comunicação do casal a partir do uso das tecnologias	33
2.4.A abordagem psicodrama moreniano na relação.....	37
2.5 A Terapia Cognitivo Comportamental.....	39
PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO	43
CAPÍTULO III - Método	44
3.1. Introdução.....	44
3.2. Objectivos.....	44

3.3. Questões de investigação	45
3.4. Amostra, instrumentos e procedimentos	45
3.4.2.1. Questionário sociodemográfico para a entrevista.....	48
3.4.2.2. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal	48
3.4.3 Procedimentos.....	49
CAPÍTULO IV – Análise dos Resultados.....	52
4.1 Interpretação dos resultados obtidos pelo teste EASAVIC.....	52
4.2 Interpretação dos resultados obtidos pela Entrevista	57
Conclusão	70
Referências	78
ANEXOS	88
Anexo A – Parecer da Comissão de Ética.....	89
Anexo B – Declaração do professor.....	91
Anexo C – Solicitação para investigação	93
Anexo D - Autorização para a Investigação	95
Anexo E – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	97
Anexo F– Teste EASAVIC	99
Anexo G– Pedido de Autorização para a aplicação do Instrumento.....	102
Anexo H – Questionário	104

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Pirâmide de Maslow.	19
------------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos casais participantes	46
Tabela 2. Teste EASAVIC.....	53
Tabela 3. Teste EASAVIC.....	55
Tabela 4. Análise de conteúdo das Entrevistas	59
Tabela 5. Análise de conteúdo das Entrevistas	62
Tabela 6. Análise de conteúdo das Entrevistas	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Estatística descritiva das características da utilização das redes sociais 58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

E	Entrevista
EASAVIC	Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal
OMS	Organização Mundial da Saúde
PB	Paraíba
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TCC	Terapia Cognitivo Comportamental

Introdução

A presente dissertação busca analisar a interferência das redes sociais nos relacionamentos conjugais e suas consequências para a vida do casal. A tecnologia avança com rapidez surgindo pesquisas e invenções numa velocidade que não acompanhamos. O número de computadores e acessos à internet cresce, e a tecnologia torna-se comum em todas as classes sociais.

Diante dessa interrogativa, questionamos a interferência dessas redes sociais nos relacionamentos afetivos, ou seja, na conjugalidade e de que forma a intervenção psicológica em casais pode ajudar numa consequência como o divórcio. Durante o acompanhamento em psicoterapia cognitivo comportamental de vários casais na prática clínica, deparamo-nos com a problemática em questão, ou seja, a interferência das redes sociais nesses relacionamentos levando-os a conflitos conjugais e à procura de psicoterapia, sendo essa o ponto de partida para a busca pela investigação.

De facto, essas vivências permitiram estabelecer contatos com esses casais e/ou pessoas de ambos os sexos em vários momentos, possibilitando-nos constatar as lacunas deixadas nos relacionamentos dos pacientes em relação aos diversos questionamentos e a insegurança causada pelas redes sociais na conjugalidade. Nessas experiências, ficou evidenciado que os casais até conseguiam entender o que estava se passando, isto é, a interferência das redes sociais.

Contudo, faz-se necessária a mediação, pois ela é uma técnica fundamental na prática clínica psicológica. Surge, então, o interesse em estudar o domínio que a interferência das redes sociais produz nas pessoas, em especial nos relacionamentos, e como estes desenvolvem ou potencializam essa interferência no seu cotidiano e na conjugalidade.

Pretendemos investigar e analisar como se processa a interferência das redes sociais nos relacionamentos afetivos, até que ponto a interferência dessas redes pode gerar no casamento uma consequência como o divórcio, e como a mediação auxilia na consequência do divórcio dos casais. Para tanto, elaboramos alguns questionamentos responsáveis pelo surgimento desse tema de estudo: a) Como acontece a busca pelas redes sociais entre os casais? b) Como essa busca pelas redes sociais pode interferir no casamento? c) Quais sentimentos o cônjuge desperta ao se perceber diante de um divórcio? d) Há de se questionar sobre a forma como a mediação pode ajudar nessa consequência do divórcio.

A dissertação se encontra organizada em duas partes, a primeira parte diz respeito à fundamentação teórica e, no capítulo 1, é possível verificar todo o contexto histórico da perspectiva do casal; a perspectiva sistêmica da relação; a relação do casal como sistema; a perspectiva psicológica do casal; a satisfação e insatisfação do casal. E, no capítulo 2, é possível verificar a relação das tecnologias com o relacionamento conjugal; as interferências delas na intimidade do casal; os problemas de comunicação do casal e a terapia comportamental.

Na segunda parte da dissertação, o capítulo 3 demonstra uma pesquisa de desenho misto, com o cruzamento de metodologias quantitativas e qualitativas, além dos objectivos propostos, os participantes com seus critérios de inclusão e os instrumentos utilizados. A amostra foi composta por dez casais que além de cumprirem os requisitos para inclusão na amostragem, também aceitaram participar do estudo.

Na análise e discussão dos resultados, foi demonstrada a interferência das redes sociais nos relacionamentos conjugais. Na conclusão, houve um cruzamento dos dados do teste EASAVIC e da entrevista realizada com os participantes da pesquisa,

demonstrando, assim, o resultado de cada casal, as limitações da pesquisa e a indicação para as futuras investigações sobre o tema.

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I – O casal do séc. XXI

1.1. O contexto histórico da perspectiva do casal

A qualidade do relacionamento do casal vem sendo um tema estudado desde a primeira metade do século XX (Pereira-Silva, Dessen, & Barbosa, 2015). Já estudos recentes, cada vez mais, têm se debruçado sobre os fenômenos que envolvem os relacionamentos conjugais (Afonso, 2018; Campos, Scorsolini-Comin, & Santos, 2017; Juras & Costa, 2017; Pereira-Silva, Dessen e Barbosa, 2015).

Por outro lado, os modos de união para formar um casal, assim como as definições do que seja essa união, são fruto de processos inerentes aos aspectos históricos e culturais que darão características específicas a essa vivência dual, ainda que existam qualidades mais ou menos regulares dela ao longo da história (Alves-Silva Scorsolini-Comin, & Santos, 2016).

Nesse percurso, tem-se estado em evidência a influência exercida pelas novas tecnologias da informação na relação dos casais (Pereira & Fantinel, 2016; Santana, Queiroga, Santos, Freire, Xavier, & Morais, 2016; Silva, 2016a). O que tais estudos reiteram, entre outros aspectos, e dado o instante comunicacional e tecnológico atual, é a importância de se pesquisar mais a influência e a interferência dessas tecnologias nos relacionamentos conjugais contemporâneos.

1.1.1. Alteração no modo de configuração da união entre duas pessoas

As transformações históricas e sociais têm alterado significativamente a instituição familiar e, concomitantemente, o casamento e as relações conjugais. Até bem recentemente, o modelo tradicional de família e de casamento era assentado no homem

provedor dos sustentos da casa, por um lado, e, por outro, na mulher que ocupava um lugar de passividade, com funções voltadas para o cuidado do lar e dos filhos (Silva & Danielski, 2018).

Ou seja, enquanto a noção de casal vem sendo redefinida a partir das constantes transformações sociais, econômicas, políticas e culturais da contemporaneidade, ao mesmo tempo, percebem-se diferenças nos modos de se encarar a união entre as pessoas e o casamento, que, já mais recentemente, pôde se tornar uma escolha de cada indivíduo, não sendo mais obrigatório como era em nossa sociedade, mas, ainda sim baseado em laços de afinidade e de proximidade (Féres-Carneiro, Machado, Mello, & Magalhães, 2017).

Assim, o que se vê é que, ao longo do século XX, mas de forma ainda mais acelerada no século XXI, vem se firmando uma pluralidade dos modelos de união entre pessoas, com resultados nos modos das relações conjugais. Alguns desses modelos, por exemplo, são marcados pela não obrigatoriedade da formalização da conjugalidade, ou ainda rearranjos dados pela facilitação do divórcio para as relações formalizadas, bem como pela garantia de igualdade de direitos entre os cônjuges (Alves-Silva, Scorsolini-Comin, Santos, 2016; Neves, Dias, & Paravidini, 2013).

Ou ainda, pode-se apontar com fatores adicionais a essas mudanças, a entrada da mulher no mercado de trabalho e a instabilidade conjugal como exemplos desencadeados pelo processo de modificação dessa união entre duas pessoas (Coutinho & Menandro, 2010).

De forma ainda mais recente, têm ocorrido conhecimento e encontros entre pessoas por meio digital. Casais se conhecem, “encontram-se”, configuram uma relação, por vezes casam, tornando esse fenômeno de suma importância para a configuração, na atualidade, da união entre duas pessoas (Haack & Falcke, 2017).

1.1.2 Perspetivas atuais de configuração de um casal

Com as alterações decorrentes, nos dias de hoje, a união clássica entre duas pessoas representa apenas uma das alternativa dentre outras possibilidades de vivenciar o casamento e a vida familiar. Do mesmo modo, ocorre que o termo “casamento” é substituído pela expressão “conjugalidade”, deixando de ser um fenômeno puramente econômico, biológico e político. Dentro da união, os critérios para duas pessoas se relacionarem passam ser a afetividade e a sexualidade, abrindo espaço para as expectativas de realização pessoal (Silva & Danielski, 2018).

Rios e Gomes (2009) ratificam as transformações na família, seio das relações conjugais, mostrando a pluralidade de tipos dessa instituição, em que coexiste, ainda, o modo tradicional, caracterizado pela produção econômica conjunta, autoridade paterna, em que o relacionamento se firma na ênfase de seus aspectos funcionais e conexões com a comunidade e com os parentes. Outro tipo ainda são os casais que formam uma família moderna (ou psicológica, na ótica de Rios e Gomes), esta atravessada por valores mais individualistas, caracterizada pela mobilidade, por ser mais nuclear, menos ligada à comunidade, mais igualitária e centrada nos sentimentos e na afeição. Outra modalidade de união dos casais, apresentados pelos autores, é o da família pluralística, que diz respeito à aceitação e à convivência de várias formas de arranjos não tradicionais.

Cada um dos arranjos compõe, por sua vez, um subsistema, que se situa em meio às relações psicossociais complexas que são internalizadas ao longo do processo de socialização, e que, de forma geral, estabelecem modelos de interação social para o casal (Campos, Scorsolini-Comin, Santos, 2017; Scorsolini-Comin & Santos, 2014), isto é, determinam o espaço da conjugalidade: *locus* onde ambos os elementos do casal

trabalham, em tese, para um ajustamento mútuo de fortalecimento de um modelo funcional de relação a partir das características dos modelos interiorizados (Campos et al., 2017).

Quando se diz conjugalidade, quer se dizer que ela se inicia a partir do relacionamento entre dois adultos unidos por laços afetivos e sexuais, visando a satisfazer suas necessidades psicológicas e a apoiarem-se mutuamente, criando, portanto, o casal e o subsistema conjugal (Juras & Costa, 2017).

Dessa forma, Campos et al. (2017) e Borges, Magalhães e Féres-Carneiro (2015) lembram que a conjugalidade passa a caracterizar a união de duas subjetividades, mas que resultam em um terceiro “eu”, ou seja, uma identidade compartilhada pelos cônjuges.

Já no sentido da perspectiva dos constituintes da união, e para parâmetros possíveis de análise de elementos subjetivos que interferem na relação, Ziviani (2005) notou que, quando se fala que o casal é um todo com três partes, constituído de dois cônjuges e pela relação entre eles, isso termina por fazer a decomposição da variabilidade do casal, tendo sempre explícita a contribuição individual de cada cônjuge para a variabilidade desse todo. Considerada aqui como a relação entre as individualidades conjugais, depois de decomposta essa variabilidade, as partes constituintes indicarão se a contribuição qualitativa de um ou do outro cônjuge é positiva ou negativa para a conjugalidade.

Isso sinaliza, por sua vez, que a individualidade dos cônjuges pode influenciar na instabilidade do relacionamento, em que as incertezas e as dificuldades se fazem presentes nos projetos conjugais, necessitando sua ressignificação (Coutinho & Menandro, 2010).

1.2. A perspectiva sistêmica e a relação de casal

1.2.1. Terapia sistêmica: a família como sistema

A linha de pensamento sistêmica se desenvolveu conjuntamente com o surgimento e com a ampliação dos conceitos que cercam a terapia familiar sistêmica (Stürmer, Marin, & Oliveira, 2016). Seguindo esse entendimento, coexistem diferentes correntes de pensamento elaborados sob o ponto de vista de diferentes autores sistêmicos (Coelho, 2016).

De forma geral, pode-se dizer que o pensamento sistêmico surge como um paradigma crítico ao racionalismo positivista que, no caso das relações humanas, propunha que as leis e regras que regem tanto o mundo privado quanto a vida social poderiam ser totalmente compreendidas e previstas. Assim, a vida familiar estava vinculada a princípios de objetividade, de neutralidade, numa estrutura de pensamento linear pautado por uma lógica de causa e efeito (Figueiredo & Diniz, 2018).

Tal modelo, para a perspectiva sistêmica, mostrou-se insuficiente diante de um mundo que se tornava cada vez mais complexo. Para Coelho (2016, p. 92), para que se entenda a teoria sistêmica, é preciso entender três dimensões que ela destaca.

A primeira dimensão é o reconhecimento da complexidade organizada do universo, ou seja, ver e pensar as relações existentes em todos os níveis da natureza, buscando a compreensão dos acontecimentos, podendo ser eles físicos, biológicos ou sociais, em relação aos contextos onde ocorrem; a segunda dimensão é a visão sobre o dinamismo das situações em que não há previsão de situações, pois o mundo está em constante processo de mudança; a terceira dimensão diz do reconhecimento de que não há realidades objetivas, mas vamos nos constituindo à medida que nos interagimos com o mundo.

Por isso, a teoria sistêmica compreende a família como um sistema de interação aberto, composto de subsistemas que se interligam e estabelecem padrões de interação que governam seu funcionamento e influenciam o comportamento de seus membros (Figueiredo & Diniz, 2018). Dito de outra forma, a família se torna um sistema, já que está em interconexão com outros sistemas diferentes, tais como os sistemas sociais, políticos, econômicos, culturais (Razera, Gaspodini, de Oliveira, Neis, & Falcke, 2018).

Com base nisso, a terapia familiar sistêmica procura entender o sintoma individual não isoladamente, mas na sua relação entre os componentes da família. Cada um forma um todo, não considerando o todo como uma mera soma de suas partes (Coelho, 2016).

Mantendo essa linha, essa terapia baseia sua intervenção na família composta de elementos que possuem relações de interdependência entre si, mas uns proporcionam o desenvolvimento dos outros. Pode-se dizer que a Terapia Familiar é um bom método terapêutico, no qual se permite que todos os membros da família trabalhem pela resolução do problema, responsabilizando-os e permitindo que eles consigam tomar suas decisões necessárias para o progresso do ciclo da vida. A mudança individual favorece a mudança familiar, mas também a mudança familiar favorece a mudança do indivíduo (Camicia, Silva, & Schmidt, 2016; Sílvia, 2018).

Por isso, como ressalta Figueiredo e Diniz (2018), essa compreensão perpassa a base de atuação das diferentes escolas de terapias sistêmicas familiares, pois tais escolas percebem os sistemas familiares como uma unidade em constante transformação, enquanto mantém uma interdependência entre seus membros e com o meio. Os eventos ou partes não causam outros eventos, mas estão ligados de forma circular a muitos outros eventos e partes.

Cabe ressaltar que os diferentes elementos que compõem um sistema influenciam e são influenciados uns pelos outros de forma contínua e recíproca (Costa, Delatorre, Wagner, & Mosmann, 2017). O que equivaleria dizer que o casal enquanto tal se configura com um sistema.

1.2.2 A relação do casal como sistema

Em termos sistêmicos, Monteiro (2001) esclarece que um casal pode ser inicialmente compreendido como a menor unidade de interação social. Por outro lado, explica que existem concepções divergentes entre estudiosos, terapeutas e pesquisadores sobre quais seriam as características fundamentais de um relacionamento conjugal, suscitando, quanto à definição, divergências e imprecisões de caráter teórico.

Para que se entenda o modo de ver o casal pela teoria sistêmica, é preciso adentrar na questão do subsistema familiar e do dinamismo dos papéis dos membros da relação. Além disso, a teoria sistêmica vê cada membro da relação como possuidor de demandas e funções específicas, ao mesmo tempo em que a estrutura familiar deve ser capaz de se adaptar quando as circunstâncias mudam. “Nesse sentido, a continuidade e a flexibilidade dos sistemas e subsistemas são importantes para a acomodação e a adaptação das mudanças contextuais e evolutivas ao longo da vida” (Waseda, Lofego, Feijó, Chaves, & Valério, 2016, p. 57).

Um subsistema conjugal é formado quando dois adultos se unem com o propósito expresso de formar uma família, considerando que ambos trazem consigo valores e experiências individuais. Para Figueiredo e Diniz (2018), esse subsistema tem tarefas e funções específicas vitais para o funcionamento familiar, sendo as principais habilidades para a implementação de suas tarefas a complementaridade e a acomodação

mútua, garantindo a qualidade e a satisfação conjugal. Ou seja, os cônjuges precisam desenvolver padrões de complementaridade que permitam a cada um envolver-se com o outro sem a renúncia de si mesmo, concendendo parte de sua separação para ganhar em pertencimento.

Um exemplo de mudança e de necessidade de adaptação do subsistema conjugal se dá depois do nascimento do primeiro filho, dado que agora o subsistema se torna um subsistema parental (Figueiredo & Diniz, 2018). De tal modo, o casal, agora com a identidade de novos pais, precisará separar os desafios da conjugalidade daqueles da parentalidade, passando a fazer parte simultaneamente dos subsistemas conjugal e parental. Esse arranjo requer a diferenciação para que eles possam desempenhar as tarefas de socialização de uma criança, sem perder o apoio mútuo, que deve caracterizar o conjugal (Espíndola, Quintana, Farias, & München, 2018).

1.2.3. Gestão de conflitos: o olhar sistêmico sobre os casais

Assim, a teoria sistêmica nos auxilia a entender as dinâmicas relacionais do casal. Por exemplo, o homem só pode ser compreendido dentro do contexto interacional no qual se insere, uma vez que o seu ciclo de vida individual acontece dentro, e concomitantemente, de seu ciclo vital familiar marcado por afetos, percepções dos papéis e das funções de cada um. Nesse meio, a dinâmica das relações e o investimento emocional também estão em constante mudança e reorganização, fazendo com que, a cada etapa, o significado que a família adquire na vida particular de cada indivíduo seja diferenciado (Waseda et al., 2016)

Quanto às questões relativas à dinâmica imposta pelas tecnologias atuais e à problemática do uso das redes sociais, que serão passadas em revista mais à frente e são questões centrais dessa pesquisa, a teoria sistêmica assinala importantes pistas para que

se chegue aos objectivos de estudo aqui propostos. Para ela, crises entre os membros do casal

devem ser encaradas como um problema de ambos os parceiros; afinal, a conjugalidade somente acontece devido à união das individualidades e, se uma das partes não está bem, toda a estrutura conjugal estará comprometida, pois a relação do casal é muito dinâmica, visto que está sempre em contínua construção, tanto no que se refere à relação a dois, quanto como indivíduos (Coelho, 2016, p. 92).

Diante dessa complexidade que envolve o casal, torna-se necessário “abrir espaço para um pedido de ajuda e, também, oportunidade para que surjam possíveis modificações de atitude: aceitar, decidir, ressignificar, negociar” (Pontes, 2006, p. 56, cit in. Coelho, 2016, p. 92). Figueiredo e Diniz (2018, p. 102) ainda lembram que um casal, geralmente,

busca a terapia conjugal quando se encontra em conflito, ou quando há uma insatisfação com a vida conjugal, sejam estes problemas oriundos da dificuldade na regulação da intimidade, do ciúme, da disputa de poder, da não satisfação sexual ou da traição de um dos cônjuges. Pode-se dizer que os conflitos e as insatisfações conjugais estão entre os maiores estressores da vida do ser humano, podendo ser desencadeadores de depressão e doença ligadas ao estado emocional.

Para tais casos, muitas vezes, na terapia de casal sistêmica, visa-se a uma melhor qualidade de vida dos integrantes do casal, além de ajudar na relação entre eles (Figueiredo & Diniz, 2018).

1.3. A perspectiva psicológica do casal

A Psicologia é composta por diferentes escolas de pensamento. Como notou Santos (2016), essa ciência vem produzindo um número considerável de distintas

perspetivas e modelos, cada uma com formas de compreensão do comportamento humano, as quais orientam o exercício da Psicologia nos mais diversos campos.

Quando se pensa na compreensão das formas de relação do casal, no desenvolvimento e nas tendências atuais da Psicologia, do mesmo modo, é fundamental que se compreenda a multiplicidade de olhares e de investigações que moldaram tendências e revelam potenciais, desde o movimento preventivo, derivado do simples aconselhamento matrimonial, até à contribuição das visões psicanalíticas, humanistas ou derivações da Psicologia Social, passando por abordagens da Psicologia Comportamental e Cognitiva ligadas à situação conjugal (Castro, 2015).

Um fator comum, em várias das diferentes correntes que analisam a relação conjugal, é que tendem a pôr em foco os conflitos conjugais decorrentes

da interação de pessoas que almejam construir um projeto de vida em conjunto e, para tanto, precisarão discutir e negociar sobre pontos de vista divergentes e tentar chegar a um acordo. Consequentemente, adiando a resolução dos problemas pode haver um acúmulo de impasses que eclodirão com mais força e carga negativa do que se fossem resolvidos no contexto em que emergiram (Costa et al., 2017, p. 327).

As teorias sistêmicas, como apontado no item anterior, são umas das abordagens que lançam luz sobre esse tema, assim como a abordagem cognitiva comportamental, da qual se falará mais à frente. Em ambas, de todo modo, surge um ponto a chamar atenção quando se pensa a perspetiva psicológica do casal e os conflitos conjugais. Isto é, a centralidade do conceito de conjugalidade, sobretudo na perspetiva sistêmica.

Pensados o casal e a existência de um subsistema conjugal como consolidadores da relação (Juras & Costa, 2017) e referendados pela conjugalidade, a partir daí delineiam-se as implicações da perspetiva psicológica dos cônjuges, isto é, sob a perspetiva em torno do modo de relacionamento, dos laços afetivos e sexuais

mantenedores da relação, da compreensão do outro, do sistema de trocas que regulam a relação etc. Essas, por sua vez, trabalham para formar a identidade conjugal, de forma a permitir a mirada de análise da estruturação e de seus conflitos, como aqueles que podem advir dos atritos pelos usos das redes sociais.

Desse modo, Rebeschini (2016, p. 130) aprofundará a discussão, notando que

o vínculo conjugal se dá por meio de um processo complexo de reformulação das individualidades de cada membro da dupla, objetivando a construção de um presente e de um futuro a dois. Para o desenvolvimento do mesmo e para a construção de uma identidade conjugal, é necessário um grande investimento emocional e sexual. A relação é construída a partir de trocas intra e extraconjugais, de forma que as interações sociais da dupla também façam parte dessa identidade formada pelo casal.

Dito de forma mais clara, a conjugalidade ocorre num contexto sócio-histórico e familiar, onde o indivíduo se insere e se inscreve em meio às relações psicossociais complexas que ele internalizam ao longo do processo de socialização. Nessa vertente, a relação conjugal caracteriza-se pela constituição de um espaço simbólico e, ao mesmo tempo, de um contexto singular em que as experiências sedimentam modelos de interação social que são significativos para o casal (Campos et al., 2017; Scorsolini-Comin & Santos, 2014)

E enquanto a conjugalidade é um processo vivenciado por ambos os elementos do casal e tem início no seu instante de formação, “o compromisso estabelecido requer um ajustamento mútuo com o propósito de edificar um modelo funcional de conjugalidade, que inicialmente herda características dos modelos interiorizados nas famílias de origem” (Campos et al., 2017, p. 70).

Dos arranjos psicológicos do casal, isto é, aqueles fundados na tríade do casal, passando pelo papel unitário de cada sujeito,

a coexistência e interação de duas individualidades e uma conjugalidade representa tanto o fascínio quanto a dificuldade de ser casal, principalmente diante dos ideais contemporâneos que pregam a supremacia de valores como autonomia e satisfação pessoal em detrimento da dependência conjugal. Por outro lado, o triunfo da ideologia individualista prejudica a construção de um espaço de diálogo comum entre as duas forças – individualidade e conjugalidade – que constituem esse “terceiro” que designa o lugar do casal na dinâmica das relações afetivas. Então, é tão necessária a manutenção da individualidade e das possibilidades de desenvolvimento pessoal, quanto a vivência de uma realidade comum do casal, com o compartilhamento de desejos e projetos conjugais (Campos et al., 2017, p. 70).

Nesse ponto, portanto, a perspectiva psicológica se debruça não só sob a questão da relação estabelecida pelo casal, mas nas relações familiares anteriores, nas relações dos pais e mães dos membros do casal, de sua família, isto é, na formação do sujeito (Ziviani, 2005).

Ainda assim, para estabilidade dessa relação, o casal precisa ver desenvolvidos padrões de complementaridade que permitam a cada um envolver-se com o outro, para que não aconteça a sensação de renúncia si mesmo. Num duplo movimento, “ambos devem conceder parte de sua separação para ganhar em pertencimento. Contudo, a aceitação da interdependência mútua, numa relação simétrica, pode ser prejudicada pela insistência dos cônjuges em seus direitos independentes” (Stürmer et al., 2016, p. 57).

Como bem notou Minuchin (1982, cit in Santos, 2016), pela perspectiva psicológica desse percurso de manutenção da individualidade e das possibilidades de desenvolvimento pessoal, é possível assistir então a uma dança delicada na entrega à relação, em que ambos tentam encontrar um equilíbrio entre a sua individualidade, as necessidades do outro e as do exterior.

E, cabe ressaltar, todo esse processo criará uma realidade comum, precisamente, calcada na conjugalidade. É nela que cada um dos membros renova a sua realidade individual, “a partir de referências comuns e de uma nova identidade conjugal, sempre

correlacionada com as definições do outro, englobando ganhos e perdas” (Santos, 2016, p. 9).

Ou seja, a dinâmica do casal tem cunho pessoal, individual, mas também sempre se assentará em fatores sociais, sejam eles da ordem da identificação desse casal, sejam eles relacionados a fatores disfuncionais de manutenção da relação. De tal modo, que, muitas vezes, a união conjugal pode tornar-se uma experiência difícil quando os conflitos, daí oriundos, afetam um relacionamento íntimo e não são superados, somando desencontros e suas consequências (Fleury & Abdo, 2016).

Essas e outras questões são foco de cuidado e de pesquisa por estudos, redundando, como já se notou, na abordagem de psicoterapia de casais, que busca ajudar nas interferências de uniões mais saudáveis (De Biagi-Borges & Rasera, 2017). Esses aspectos serão ainda retomados.

Outro ponto a se notar, desdobramento de relações disfuncionais, ou ao menos por fatores inerentemente humanos, para que se possam explicitar os arranjos psicológicos com os quais um casal estabelece, serão os graus de insatisfação em relação ao uso das redes sociais e, cabe frisar, a complexidade em determinar o que consiste a satisfação humana.

1.4. A satisfação e insatisfação do casal

1.4.1. Satisfação e bem-estar

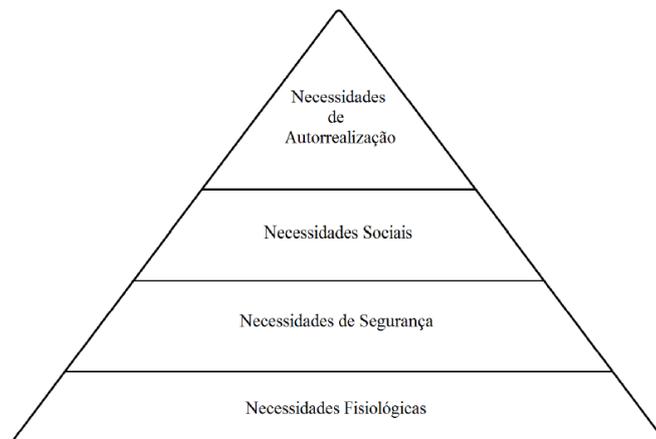
Diversas pesquisas têm revelado que a experiência de ser casal está associada positivamente à promoção de saúde mental, física e profissional dos sujeitos, ou seja, à qualidade de vida dos cônjuges (Afonso, 2018; Hernandez, Ribeiro, Carvalho, Fonseca, Peçanha, & Oliveira Falcone, 2017; Rosado & Wagner, 2015). Por essa observação, e

dada a pluralidade de relações amorosas existentes, pesquisadores, há décadas, estudam os fatores que aumentam ou diminuem a satisfação e a permanência dos sujeitos nos relacionamentos (Rosado & Wagner, 2015). Tem pesquisado também, entre outros aspectos, em que consistiria, subjetivamente, o senso de satisfação.

Maslow (1954, cit in Almeida, 2016, p.52) sugeriu a classificação das necessidades humanas. Não serão aqui expostas todas, mas as que implicam nos objetivos da pesquisa, no caminho de determinação do que seja a satisfação na realidade conjugal, quais sejam:

- Necessidades fisiológicas, que compreendem os impulsos básicos para a sobrevivência e continuação da espécie humana (alimentação, sono, sexo, homeostase, excreção etc.);
- Necessidades de segurança, que são caracterizadas pela busca de estabilidade, de forma a organizar-se para evitar ameaças inesperadas;
- Necessidade de pertença e amor, que é entendida pela busca do afeto, amor, amizade, pelo convívio com pessoas, compartilhamento de bons sentimentos e a construção de laços e de intimidade;
- Necessidade de estima, que é caracterizada pela imagem que o indivíduo tem de si próprio, como também está relacionada às ideias de prestígio, reconhecimento, importância, atenção, autoestima, autorrespeito e a busca da estima dos outros;
- Necessidade de autorrealização e autoatualização, que engloba o desejo do indivíduo de se tornar aquilo que quer e que acredita possuir potencial.

Com isso, pode-se construir uma hierarquia, na forma de pirâmide, de tais necessidades, e de forma sintética, na figura a seguir.

Figura 1. Pirâmide de Maslow.

Fonte: Almeida, 2016.

Com base na pirâmide de Maslow, outra subclassificação da satisfação se estabelece também pelas necessidades fundamentais dos seres humanos. Nela

as necessidades fundamentais podem ser classificadas como superiores e inferiores: as superiores são as necessidades que precisam de condições externas favoráveis à sua satisfação. Elas são menos numerosas, refletem a autorrealização e possuem resultados na vida dos indivíduos referentes à felicidade e à serenidade. Enquanto as inferiores dependem das condições internas do próprio indivíduo, já que são motivadas por impulsos instintivos, são mais numerosas e limitadas quando comparadas com as necessidades superiores (Almeida, 2016, p. 52).

Com base nessa teoria, a partir da atenção e dos atendimentos das necessidades mais básicas, de sobrevivência e de sustento, o indivíduo adulto apresenta a necessidade de buscar “amor e pertencimento” e posteriormente “sucesso e estima” (Almeida, 2016).

Entretanto, por muitos séculos, a definição de bem-estar esteve unida ao sentido econômico. Assim, ligava-se às contribuições dos bens e serviços que o dinheiro poderia comprar para o Bem-Estar. Será “a partir da década de 1960, e a partir de

trabalhos como o de Maslow, que o conceito de bem-estar subjetivo passou a ser desenvolvido, atrelando-o aos conceitos de satisfação e felicidade” (Alves, Kantorski, Coimbra, Oliveira, & Silveira, 2017, p. 1).

Esse conceito é estabelecido em outra forma de se observar a questão da satisfação e do bem-estar, que é dado pela Organização Mundial da Saúde. Bem-estar, para esse órgão, “se apresenta como uma das dimensões da saúde mental, sendo outras dimensões também a percepção de autoeficácia, a autonomia, a competência, a autoatualização do potencial intelectual e emocional, entre outros” (Alves et al., 2017, p. 1).

A partir de Maslow e da OMS, deve-se destacar

também a diferenciação entre os conceitos de bem-estar subjetivo e bem-estar psicológico, em que o segundo se caracteriza por se relacionar aos conceitos de autoaceitação, autonomia, controle sobre o meio, relações positivas, propósito na vida e desenvolvimento pessoal. [...] O bem-estar subjetivo se apresenta como um potencial indicador de saúde mental relativo à satisfação com a vida, à felicidade e aos afetos (Alves et al., 2017, p. 1).

Como esclareceu Fonseca (2016), a ideia de satisfação e de bem-estar é grandemente subjetiva também por referir-se a um fenômeno multidimensional. Por isso, para Albuquerque et al. (2006), a sensação de satisfação, sob o ponto de vista psicológico, ligar-se-ia a dois aspectos: (1) por um lado a avaliação dos afetos positivos e negativos vivenciados por alguém; e (2) o julgamento que se faz do sentimento de satisfação que possui em relação a si mesmo e ao ambiente no qual está inserido. Dessa forma, diz-se que satisfação é um sentimento subjetivo, que está relacionado com as ações e os resultados das ações humanas diante daquilo se deseja e/ou se necessita.

Próximos a essa definição, calcada na noção de bem-estar, para Scorsolini-Comin, Fontaine, Barroso e Santos (2016, p. 314), satisfação pode ser vista como um

conceito que se refere a como as pessoas se sentem e avaliam suas vidas, de forma que a satisfação apresenta-se como

uma estrutura tripartite. Uma delas concerne ao julgamento cognitivo sobre a satisfação de vida. As outras duas correspondem aos componentes afetivos: afetos positivos e negativos. A satisfação de vida trata do contentamento geral com a mesma, ao passo que os afetos positivos e negativos referem-se a experiências emocionais, de modo que um elevado Bem-Estar Subjetivo envolve altos níveis de afetos positivos, baixos índices de afetos negativos e alta satisfação de vida.

Trazida para a relação conjugal, deve deixar claro como esses fatores se interagem para coordenar, ou criar, meios de tensão que levam à satisfação ou à insatisfação do relacionamento do casal.

1.4.2. Satisfação e insatisfação conjugal

Para se estabelecer parâmetros para satisfação e insatisfação de uma relação, deve-se, portanto, pensar a qualidade da relação desse casal. Esta se refere a uma dimensão também complexa e, por isso, difícil de ser conceituada. Como esclarecem Mosmann e Falcke (2011), passando em revista importantes trabalhos sobre o tema, muitas vezes prevalece no senso comum a concepção de que um casal saudável é aquele que não possui conflitos.

Entretanto, os autores reforçam que estudos da dinâmica familiar são contundentes ao afirmarem que a satisfação e a estabilidade das uniões não estão associadas diretamente à ausência de conflitos. Dessa forma, as relações entre casais devem ser compreendidas de forma mais abrangente, seja a partir da frequência de interações positivas e negativas que os casais vivenciam diariamente, seja a partir do

processo dinâmico do relacionamento, caracterizado como construtivo ou destrutivo, seja das estratégias de resolução de conflitos que utilizam.

Dias e Weber (2018, p. 327), por sua vez, com base em Scorsolini-Comin e Santos (2014) advertem que

a satisfação conjugal é um construto complexo a ser definido. Tal complexidade deve-se ao fato de que ela é composta por diferentes variáveis, desde as características de personalidade dos cônjuges e as experiências que eles trazem das suas famílias de origem até a maneira como eles constroem o relacionamento a dois.

Note-se, entretanto, que mesmo que tais autores afirmem a complexidade do constructo, eles o apresentam como um modo subjetivo de um relacionamento amoroso a longo prazo. Mesmo que questionável, a distinção é importante, ao passo que é preciso parâmetro de análise para essa dimensão, se pensados os objetivos específicos da presente pesquisa, sobretudo, a verificação do incômodo dos cônjuges em relação ao uso das redes sociais, e se o divórcio é uma das consequências dessa interferência.

Nesse sentido, observe-se que Scorsolini-Comin e Santos (2014) fazem uma distinção entre a Satisfação Conjugal, uma avaliação que cada parceiro faz do cônjuge, e os domínios da conjugalidade, que têm como foco a avaliação do casal.

Outra possibilidade,

acompanhando a linha individual da satisfação, na relação do casal a satisfação conjugal resulta de uma avaliação também subjetiva e pessoal do casamento, isto é, da qualidade conjugal, ou, por outras palavras, da apreciação feita pelo próprio casal do contexto relacional significativo. Não contempla a existência de interações das variáveis (recursos pessoais e sociais, satisfação com o estilo de vida e recompensas da interação conjugal) entre si, nem com a satisfação conjugal (Dias & Weber, 2018, p. 64).

Observe-se as limitações que residem no facto de não haver uma clara distinção entre qualidade e satisfação conjugal (Dias & Weber, 2018). Dessa forma, traçam-se estratégias de qualificação da satisfação conjugal, já que ela se torna crucial para o bem-estar. Essa estratégia de avaliação, por sua vez, reflete uma avaliação sobretudo positiva do outro, da relação e vice-versa, sendo que o bem-estar é catalisador de satisfação conjugal (Dias & Weber, 2018).

Já Falcke, Dieh, e Wagner (2002, cit. in Antunes, 2008) afirmam que a satisfação conjugal é afetada tanto por fatores conscientes como inconscientes, relativos a aspetos psicológicos e também afetada por fatores do meio ambiente, tais como: sexo, grau de escolaridade, número de filhos, presença ou ausência de filhos, nível socioeconômico e tempo de casamento.

Castro (2015) irá enumerar e esclarecer os diversos matizes possíveis para a satisfação conjugal, a partir do seu apanhado teórico. Tomando por base esse autor, Bradbury, Fincham e Beach (2000) estabelecem que a satisfação conjugal não é simplesmente a avaliação da relação conjugal feita pelos cônjuges num dado momento. Ela é o perceber e o sentir em relação a um processo ao longo do tempo. Ou ainda, pode-se dizer que

o impacto da insatisfação conjugal se estende e pode prejudicar o comportamento dos filhos, visto que, um casamento satisfatório fornece uma base estável para a dinâmica familiar, possibilitando a adaptação da família em situações adversas, a resolução de problemas e a qualidade das práticas parentais (Castro, 2015, p. 5).

Levantando por isso as consequências negativas da insatisfação conjugal, os mesmos autores recorrem ao sentimento de irritação crônica causado pela falta de harmonia entre o casal (Bradbury et al., 2000).

Para Dias e Weber (2018), a insatisfação conjugal pode causar muitas vezes o declínio do nível de funcionamento do sistema imunológico, que favorece o aparecimento de enfermidades. Podem também provocar problemas psicossociais como a depressão, a psicose e o abuso de substâncias químicas.

Além disso, e que contribuiria para a insatisfação, no caso de distúrbios dessa relação,

sexual o relacionamento é um dos elementos fundamentais para a qualidade contínua das relações conjugais, tal como foi constatado no estudo de Lahiji e Moghtaderi (2015), no qual foi observado que os problemas na vida sexual predizem de forma negativa a satisfação conjugal. As relações sexuais podem ser prejudicadas pelo estresse vivenciado no cotidiano do casal, o que prejudica a qualidade da vida conjugal (Dias & Weber, 2018, p. 325).

Outras questões, além das afetivas e sexuais, e que possui grande influência na satisfação conjugal é o aspecto financeiro. Ele pode gerar atritos relativos à experiência a dois, no caso de má resolução na distribuição dos papéis (Reis, Brito, Simioni, Benedetti, & Neufeld, 2017), já que o dinheiro exerce forte influência na sociedade, criando novos paradigmas, transformando relações e frequentes modificações do que é considerado como importante ou satisfatório (Garbin, Cenci, & Luz, 2015).

Além desses aspectos, a crença religiosa também é fator que pode exercer influência na satisfação conjugal. Estudos (Alves-Silva et al., 2016; Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004; Villa, 2002; Villa, Del Prette, & Del Prette, 2007) tem ressaltado que casais que estavam em uniões de longa duração e se sentiam satisfeitos com a relação conjugal eram, na sua totalidade, católicos praticantes, sugestionando que as questões religiosas tendam a tornar esses indivíduos mais comprometidos com a indissolubilidade do casamento. Além disso, tais estudos mostraram que a crença religiosa era considerada fundamental para o enfrentamento das

dificuldades da vida a dois, e esses casais devem possuir uma rede social advinda da igreja que lhes ofereça apoio.

Com o apanhado teórico exposto nesse primeiro capítulo, é possível verificar um grande número de definições de satisfação e insatisfação conjugal, além de algumas variáveis envolvidas nos processos de construção dessa satisfação e bem-estar entre os casais. E isso pôde ser estendido à configuração da conjugalidade. Assim, como chamou atenção Dias e Weber (2018), fica patente a relevância dos estudos da satisfação dentro do casamento, bem como dos processos que levam o casal a viver em harmonia, alcançar sucesso e felicidade conjugal e, por fim, as contribuições da teoria das necessidades humanas para o entendimento desse fenômeno.

CAPÍTULO II – A tecnologia e o relacionamento conjugal

Como visto, as estratégias e os comportamentos adotados com a finalidade de encontrar uma solução para problemas diversos da relação se dão de modo complexo e pressupõem a necessidade de negociação entre os parceiros (Costa et al., 2017). Boa parte do funcionamento social baseia-se em uma confiança básica na qual os outros vão respeitar as regras. Nas relações de casal não é diferente, pois se baseiam, em grande parte, numa confiança implícita do jogo a dois (Pereira, 2015), em que essa confiança pode ser atravessada por fatores externos à relação.

O relacionamento conjugal atual muitas vezes parece revelar um retrato desse atravessamento calcado na dinâmica social e econômica que a sociedade tem passado (Hernandez et al., 2017). Enquanto tal, as relações entre os casais se veem influenciadas pelo fenômeno comunicacional recente e pelo rápido avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) (Boechat, Cabral, & de Souza, 2018).

Nesse sentido, um fator que representa a necessidade de ajustamentos conceituais por sua dinâmica na vida a dois, bem como tem requerido estudos de seu impacto nos relacionamentos conjugais, é o fenômeno das redes sociais de interação virtual (Pereira & Fantinel, 2016).

2.1. A comunicação e a tecnologia no relacionamento conjugal

2.1.1. Implicações da tecnologia na comunicação dos casais

Em termos de relacionamento e das implicações no viver amorosamente, um ponto a ser destacado é a comunicação, que pode ocorrer de forma adequada, distorcida ou, até mesmo, falha. Nesse quadro, entende-se que, desde o início da humanidade, a

comunicação é um fator de extrema importância em toda e qualquer relação (Eliseu & Cascaes, 2017).

Del Prette e Del Prette (1999, cit. in Fonseca & Carvalho, 2016) denominam habilidades sociais ao repertório de comportamentos utilizados pelo indivíduo para lidar de uma maneira apropriada com as demandas das circunstâncias interpessoais. Para eles, existem diferentes classes e subclasses que determinam o conjunto de habilidades sociais indispensáveis para o bom relacionamento, cabendo destaque, entre elas, a habilidade de comunicação assertiva e a habilidade empática.

As habilidades assertivas, sobretudo,

formam uma classe onde estão certos comportamentos relacionados a manifestar opinião, concordar, discordar; fazer, aceitar e recusar pedidos; constituir relacionamento afetivo e sexual; expressar raiva, encerrar relacionamento, entre outros. É relevante destacar, que esses comportamentos são importantes para que a relação do casal seja de igual para igual, onde os membros exponham suas opiniões e necessidades, equilibrando, desse modo, o relacionamento (Del Prette e Del Prette, 1999, cit. in Fonseca & Carvalho, 2016, p. 43).

Com base nesses estudos iniciais, recentemente, a questão da comunicação entre os casais vem tomando novos contornos. Estudos têm sido feitos, por exemplo, para analisar a emergência das tecnologias digitais e as transformações que ocorreram na comunicação entre as pessoas, bem como no casamento (Clemen, 2015; Costa, 2019).

Isso, porque esses fatos, à luz das novas tecnológicas, isto é, quanto à questão da comunicação para as relações, mostram que

a virtualidade do mundo digital vem impactando a sociedade de diversas formas e vem modificando os modos de (con)viver das pessoas. O comércio virtual, a pesquisa on-line, os relacionamentos virtuais e a constituição de famílias por meio das mídias digitais são fatos que se podem constatar no cenário sociocultural neste tempo histórico. As tecnologias digitais vêm, então, participando também efetivamente das manifestações culturais concernentes ao namoro e ao casamento ao se fazer presentes em seus rituais de celebração (Boechat et al., 2018, p. 142).

O que a história mostra é que a introdução das novas tecnologias influencia as vidas de indivíduos, as famílias e as comunidades de uma forma que inicialmente não era perceptível. Por isso, talvez, o rápido desenvolvimento multifuncional, informativo e comunicacional das novas tecnologias parecia somente integrar a possibilidade de um enorme impacto nesses sistemas (Ferreira, 2017).

Como bem sintetiza Ferreira (2017, p. 5), lembrando a questão sob o ponto de vista também familiar, transversalmente ao crescimento exponencial do uso e à incorporação das TIC na vida familiar, têm-se verificado também mudanças e ajustes no funcionamento das famílias, congruentes “ao aparecimento de novos padrões relacionais familiares e à alteração da qualidade das relações bem como dos diferentes padrões de comunicação”. O sistema conjugal, portanto, enreda-se nessas mudanças.

2.1.2. Redes Sociais e aplicativos digitais de comunicação

A comunicação do casal, portanto, está, na mesma medida, fadada a ser influenciada por interferências, por vezes, implicadas na utilização das redes sociais e aplicativos digitais de conversação. Atualmente, existem diversas dessas ferramentas, que, se por um lado contribuem, por exemplo, para expandir meios dos casais de solucionarem problemas práticos e facilitar sua comunicação, por outro, podem ter profundas implicações da tecnologia na comunicação dos casais (Almeida, 2015).

Entrementes, a posse excessiva das novas tecnologias por parte dos mais jovens e de muitos adultos tem criado várias alterações no quadro do relacionamento da própria família, retirando, cada vez mais, não só culturas de rua, mas também do convívio entre os membros familiares, que tendem a se isolarem e a se comunicarem muito menos (Mateia, 2018; Oliveira, Barros, & Goulart, 2016).

De forma sumária, pode-se dizer que as mídias são os meios de comunicação, ao passo que as tecnologias digitais, inauguradas pelos computadores, potencializaram a comunicação humana. As novas mídias digitais, que compõem esse universo, o da tecnologia da informação e comunicação, propiciam veicular a informação e a comunicação entre as pessoas. O meio de intercâmbio, por excelência, para isso, é o da internet. Para tanto, parte dela é utilizada por dispositivos como computadores, *smartphones* e *tablets*, nos quais é possível ter acesso a redes sociais, como o *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, ou ainda, utilizar aplicativos, como *Whatsapp* e *Viber*, para se comunicar (Boechat et al., 2018).

Por se tratarem de ferramentas muito usadas, e já bastante difundidas, não cabem excessos de explicação sobre elas. Ainda assim, valem passar rapidamente em revista algumas delas para fins teóricos dessa pesquisa.

O *Facebook*, por exemplo, funciona por meio de perfis e de comunidades em que esses só podem ser vistos, por completo, por usuários que participam dessa rede social, sendo, portanto, considerada mais privada que outras. Nele, os usuários podem acrescentar jogos e ferramentas, bem como personalizar ainda mais os perfis, criando novos aplicativos.

O *Twitter*, de acordo com Boechat et al. (2018), permite que sejam escritos textos de, no máximo, 140 caracteres, respondendo à indagação: “O que você está fazendo?”. Nesse aplicativo, escolhe-se quem se quer seguir e por quem se quer ser seguido, de forma semelhante ao *Facebook*.

O *Whatsapp* é um aplicativo de *smartphone*, por meio do qual se compartilha mensagens, imagens, vídeos e áudios e se faz videochamadas. Tornou-se febre no Brasil, passando a ser utilizado por grande parte da população. Esse aplicativo multiplataforma opera por meio de números de telefone e se integra com a agenda de

endereços dos usuários, permitindo, também, criar grupos, compartilhar localização e fazer backup do conteúdo postado nos grupos (Ferreira, Guerra, & da Silva, 2018).

O Viber também é um aplicativo multiplataforma, não tão utilizado no Brasil. Ele permite que os seus usuários se comuniquem sem qualquer custo; independentemente de qual versão do serviço eles e seus contatos utilizem, poderão aproveitar as mensagens e ligações gratuitas do Viber. No celular, ele é compatível com aparelhos Android, BlackBerry, iOS e Windows Phone. O aplicativo dá ao usuário a opção de incorporar contatos da agenda telefônica e ainda de conectá-lo ao *Facebook*. A comunicação entre usuários do Viber pode ser feita via texto, na aba “mensagens”, via voz, na aba “teclado” ou indo em “contatos” e tocando no perfil da pessoa com quem se deseja comunicar (Boechat et al., 2018).

Por fim, o *Instagram*, atualmente, é a rede social que mais cresce mundialmente, atingindo uma comunidade global de um bilhão de utilizadores. O *Instagram* é um serviço de partilha de fotografias e de vídeos (permite aos utilizadores tirar fotografias e vídeos diretamente do aparelho digital, e instantaneamente publicá-lo), e depois partilhá-las em outras redes sociais virtuais, como o *Facebook* e o *Twitter*. No fundo, por si só funciona como uma rede social virtual (Roldão, 2018).

2.2. A interferência da tecnologia na intimidade do casal

As interferências das tecnologias na intimidade do casal, como base ou não nas ferramentas listadas anteriormente, podem ser de várias ordens e tipos. Mas é na utilização (e os resultados inter-relacionais dessa utilização) das redes sociais que adquirem maior significação para o presente trabalho.

De acordo com Hintz, Trindade, Halpern, Toschi e Bronzatti (2014, p. 149),

a comunicação através das redes sociais é um fenômeno que vem se expandindo rapidamente e alterando a natureza dos relacionamentos sociais. Esse espaço de relações, definido como ciberespaço, se torna mais uma esfera de interação social, que não possui fronteiras bem delimitadas e por isso se define em um espaço de infinitas possibilidades, tornando-se mais um espaço importante, atrativo, e agora fundamental na constituição do sujeito e que permeia os relacionamentos conjugais atuais.

Mas, quando se discute o hábito compulsivo de seu uso, como em estudos recentes, as redes sociais podem ser tornar um problema (Pereira & Fantinel, 2016; Silva, 2016a). Canezin e Almeida (2015), nesse sentido, expõem questões relativas ao seu uso inadvertido, e a questões da relação entre o uso das redes sociais e o ciúme. Discorre, para tanto, em como as vivências na internet podem trazer implicações negativas para os relacionamentos amorosos e como os comportamentos na rede podem servir de estímulo para desentendimentos entre os casais.

Estes autores demonstram que muitos membros de

casais ao cadastrarem perfis nas redes sociais sempre acabam por ter comportamentos que podem causar situações de ciúme. Desde uma simples adição de um novo amigo, como a exclusão de uma conversa com um (a) ex-namorado (a), as redes podem interferir negativamente nessa relação. Observa-se, então, que alguns casais na busca de minimizar essa problemática acabam por adotar perfis compartilhados, onde os dois componentes do casal têm acesso a todos os conteúdos e adicionam as pessoas com a anuência de ambos os componentes do casal. Esse comportamento pode surtir um efeito positivo para a qualidade da relação, mas nada é garantido para diminuir e/ou erradicar definitivamente o ciúme (Canezin & Almeida, 2015, p. 153).

Nessa linha, Silva (2016) buscou observar como ações de curtir, compartilhar, comentar publicações, trocar mensagens privadas e ser marcado em fotos são entendidas pelos seus parceiros amorosos. A partir daí, buscou compreender como os usuários do *Facebook* percebem indicativos de uma eventual traição através das ferramentas de interação disponibilizadas pelo site, se isso desperta o ciúme e como eles lidam com

essa situação. Notou, assim, outra questão relativa ao uso das redes sociais, ou em aplicativos comunicacionais, que é a interferência nos relacionamentos amorosos ao publicizar essa relação.

Para essa autora, o relacionamento amoroso torna-se uma pequena parte dessas conexões e do uso geral das redes e dos aplicativos, num lugar mais público em que um casal se expõe e é nesse espaço que eles constroem conjuntamente a maneira como irão apresentar publicamente o relacionamento deles. Nessa medida, os relacionamentos amorosos podem ser caracterizados por um maior embaraço social e comunicacional, intensidade emocional, assimetrias e questões de exclusividade (Silva, 2016b).

Outro dado trazido por outro estudo são as demonstrações públicas de afeto, como no ato de publicar fotos com legendas românticas, que fazem cada vez mais parte da rotina dos casais. Ou ainda, mudar o *status* de relacionamento, com o qual se confere credibilidade ao casal, podem vir a ter problemas na relação futura dos casais (Roldão, 2018).

Ou seja, pode-se dizer que “a midiatização da vida social, inclusive da privacidade e da expressão da individualidade é o efeito mais poderoso da máxima expansão das transformações observadas no modo como nos comunicamos na sociedade atual” (Silva, 2016, p. 33). Isto é, na contemporaneidade, tornou parte das interações entre os casais um evento ocorrido em grande parte através da comunicação mediada pelo computador ou por dispositivos móveis.

E no caso de relacionamentos a distância, tende a desempenhar um papel central na forma como o casal se relaciona. Do mesmo modo, neste meio se tornam públicas questões às vezes íntimas, ou mesmo nele ocorre o fim da relação (Lima, Moreira, Stengel, & Maia, 2016).

De todo modo, deve-se ressaltar que, seja para a vida profissional, ou para a pessoal, as redes sociais e outros meio comunicacionais digitais

tornaram-se senão uma necessidade (com o objectivo primário de aproximar e de facilitar a comunicação entre as pessoas, seja ao divulgar ideias, ao promover vagas laborais, realizar trabalhos acadêmicos, para sondar acontecimentos cotidianos, ou mesmo para encontrar pessoas que há tempos não se viam), como um fato cada vez mais presente e com o qual podemos decidir se queremos ou não nos adaptar. [mas] Não há como dizer que as redes sociais não interfiram no cotidiano, nos comportamentos e, em suma, nos relacionamentos das pessoas (Silva, 2016, p. 33).

Além do mais, contribuem para problematizar esse assunto, o fato de, muitas vezes, a legitimidade dos relacionamentos estar ligada a como eles são expostos na internet. Como os relacionamentos amorosos fazem parte dessas novas configurações possíveis, eles também foram afetados por novas formas de percepção, como a necessidade de exposição nos sites de redes sociais para ter credibilidade, precisando ser “visível”, desempenhado o papel que se espera de um casal apaixonado (Haack & Falcke, 2017).

Nesse sentido, pesquisas têm demonstrado que os casais que fazem mais demonstrações públicas de afeto são mais comprometidos com a relação. Entretanto, essas pesquisas indicam serem eles mesmos mais inseguros, de forma que, exatamente por isso, precisam dar visibilidade aos seus sentimentos (Silva, 2016b).

2.3 Problemas de comunicação do casal a partir do uso das tecnologias

A par do valor positivo das TICs e das ferramentas digitais, das características das interações mediadas por sites de redes sociais, como o *Facebook*, ou pelo *Whatsapp*,

e da geração de problemas de comunicação para o casal, a partir do uso das tecnologias, estudiosos têm tornado o tema assunto de debate acadêmico.

Diversos autores que tratam da comunicação, como Castro (2015), enfatizam os seguintes aspectos específicos do treino de comunicação:

- Criar um ambiente seguro;
- Enviar mensagens claras sobre o que se quer em lugar do que não se quer;
- Dar, e não reter informações;
- Ser específico e não vago;
- Informar em vez de esperar que o outro saiba;
- Eliminar mensagens duplas, tais como "sim, mas" ou palavras com tom de voz ríspido; e corrigir suposições sobre o que eu acho que o outro acha de mim.

Em que se pese o caráter de idealidade desses aspectos, Eliseu e Cascaes (2017) lembram o quão é importante, na atualidade, a comunicação que consta por meio das ferramentas das tecnologias digitais. Estas, por sua vez, trouxeram contribuições significativas para a comunicação, mas, em contrapartida, parecem colaborar para um afastamento das relações físicas. Assim, outro fato a ser considerado, portando os tais isolamentos, é a queixa comum dos casais quanto à dificuldade de comunicação relacionada à tecnologia.

As tecnologias, não de maneira geral, interferem nessa relação, não permitindo, como outros estudos asseveram, que a satisfação da relação conjugal dependa da capacidade que o casal apresenta em gerar comunicação positiva entre ambos, sobretudo em situações de conflito ou de crise conjugal, sendo esse tipo de comunicação – a positiva – primordial para a qualidade e para a satisfação dos cônjuges no momento e no futuro (Afonso, 2018; Boechat et al., 2018).

Dias e Weber vêm esses meios como um fator que tem contribuído para a diminuição da satisfação conjugal, isto é, pelo advento da popularização da tecnologia,

as pessoas se isolam e, paradoxalmente, a comunicação é dificultada, fato comprovado por queixas frequente dos casais (Dias & Weber, 2018).

Atualmente, também é comum que as pessoas busquem atendimento psicológico motivadas por problemas associados a algum tipo de mal-estar relacionado a perfis que criaram no *Facebook*, entre outras redes virtuais, que diretamente ou indiretamente estão afetando seus relacionamentos amorosos e a comunicação assertiva entre eles.

Como disparadores dessas dificuldades podem ser citadas: recados de amigos (as) deixadas para o namorado com sentido ambíguo, adicionar pessoas a qual o (a) parceiro (a) não tem conhecimento, adicionar fotos de cunho sensual sem o consentimento do (a) parceiro (a), ser permissivo aos elogios de outras pessoas nas redes sociais, ter um apelido carinhoso com outras pessoas que, muitas vezes, pode soar como que houvesse algo entre os dois, em que haveria uma anuência para essa forma de interação. Essas são apenas algumas dentre as inúmeras situações que podem instalar o conflito entre o casal que certamente necessitará de muito diálogo por parte dos seus componentes para possíveis esclarecimentos, para que não se mantenha um ciclo permanente de insatisfação com as atividades virtuais do outro parceiro nas sendas da Internet (Canezin & Almeida, 2015, p. 152).

Apesar de não ser a grande vilã, a internet e os meios de comunicação digitais podem diversificar os modos de as pessoas se engajarem nas malhas da infidelidade. A falha de comunicação pode, inclusive, ser catalizadora de outras atitudes do casal. Nesse sentido, por exemplo, o comportamento infiel pode inicialmente começar com uma simples curtida ou uma mensagem de texto e, com o passar do tempo, evoluir para confidências sobre o relacionamento que a pessoa vivencia, e até encaminhando-se para flertes, no intuito de estabelecer uma nova relação com outrem (Canezin & Almeida, 2015).

E um desdobramento disso é que, ao começar com esses comportamentos, pode acontecer de os parceiros ficarem totalmente obcecados por esses encontros amorosos virtuais. e o que era uma simples conversa passa a ser uma fonte de realização pessoal e

até sexual. Então, pode-se aventar a possibilidade de que essas pessoas já estavam procurando, sem sucesso, por experiências similares a essas em outros locais, e encontram na internet um meio seguro para tal realização (Hintz et al., 2014).

Dito de forma mais didática, pensar em problemas de comunicação do casal relacionados à tecnologia é, primariamente, pensar como, idealmente, esses casais deveriam agir no sentido oposto. Estratégias positivas de resolução de conflito, por exemplo, estão diretamente ligadas aos modos com que o casal lida com a comunicação. Isto é, como se comunicam. Do mesmo modo, uma comunicação assertiva a respeito do uso das tecnologias comunicacionais recentes.

Para isso, estratégias construtivas envolvem comunicação respeitosa, percepção do conflito como oportunidade de melhorar o relacionamento, clareza sobre a corresponsabilidade dos cônjuges, autocontrole, flexibilidade, tolerância e a busca conjunta por uma solução satisfatória para o casal, nesses casos específicos. As destrutivas, por sua vez, caracterizam-se pela identificação de culpados, foco demasiado no problema, racionalização, comportamentos de esquiva e de retraimento, hostilidade, reclamações, rigidez e negatividade (Costa et al., 2017, p. 209).

Costa et al. (2017, p. 209) mostram estudos em que

a comunicação e a resolução de conflitos na conjugalidade foram investigadas. [...] Avaliaram associações entre a comunicação e os conflitos conjugais antes do casamento e nas situações em que ocorreu divórcio nos primeiros cinco anos de união. Os resultados evidenciaram o que os autores denominaram o “efeito da negatividade”, isto é, a comunicação negativa é um fator de risco mais forte, tanto para o conflito quanto para o divórcio, do que a comunicação positiva é um fator de proteção. Os autores argumentam que experiências negativas são mais dolorosas e, por isso, os cônjuges tendem a supervalorizá-las em detrimento das positivas. Modelos negativos de resolução de conflito na família de origem, por outro lado, podem se repetir nos relacionamentos conjugais dos descendentes. Isso aconteceria, principalmente, com casais que possuem baixa capacidade de identificar os padrões interacionais e comportamentais aprendidos da relação conjugal dos pais que se repetem no próprio casamento.

Não que isso diga respeito diretamente aos eventos comunicacionais recentes. Entretanto, enquanto o campo da comunicação mostra as divergências entre casais no que corresponde às novas tecnologias, por outro a psicoterapia poderia auxiliar o casal a identificar estilos não destrutivos de resolver conflitos aprendidos, daí decorrentes, e alterar padrões de comunicação negativa.

2.4 A abordagem psicodrama moreniano na relação

O psicodrama é uma abordagem psicoterapêutica que pode ter implicação direta na experiência dos casais quanto ao uso das novas tecnologias comunicacionais. Sua importância para a Psicologia é indiscutível, uma vez que compreende o ser humano e seu desenvolvimento do ponto de vista relacional (Lima & Almeida, 2016).

Para Alves (2011, p. 12),

o Psicodrama é visto como uma proposta de investigação do imaginário, de conflitos, do jogo de papéis e personagens que permeiam a convivência humana, tendo como objectivo o desenvolvimento da espontaneidade e a possibilidade de soluções criativas. Moreno identificou como o ser humano é dependente das redes sociais nas quais está inserido, sendo essas redes chamadas de sociométricas. Complementarmente, [...] o amor é a base das redes sociométricas, sendo o elo das redes sociais que construímos. Sendo o amor o resultado de um encontro entre duas individualidades. O amor consiste em um fenômeno que pode ser identificado em algumas relações interpessoais, pois o ser humano possui uma necessidade de fusão com o alter.

Além disso, o psicodrama é um modelo terapêutico que facilita a expressão e a experimentação de emoções e sentimentos dos casais. Entre as técnicas utilizadas está a dramatização de conflitos, as metáforas, onde as representações simbólicas incluem o corpo e a ação, que fazem parte inerente da função sexual, permitindo outras formas de acesso à dinâmica relacional do casal.

Outra técnica diz respeito a inversão de papéis, que

tem apresentado melhores resultados. Os parceiros são convidados a assumir o lugar do outro. Na sequência, a interação entre eles ocorre, a partir dos conteúdos expressados por cada um. Um recurso muito valorizado para capturar e transformar impasses nas relações de casais é a construção de esculturas. O casal é convidado a buscar formas simbólicas para expressar como cada um se percebe no relacionamento quando surge um problema (Lima & Almeida, 2016, p. 53).

Desse modo, cada um expressa sua fantasia numa curta encenação, que captura a percepção de si, do outro e do relacionamento, expressando a experiência subjetiva de cada um (emoções, crenças, expectativas, vulnerabilidades, ameaças, projeções e distorções) (Stürmer et al., 2016).

Na construção da escultura, a memória corporal é trazida pela emoção e não pela razão, fazendo com que padrões de comportamentos sejam explicitados, associando e combinando conteúdos recordados e os esquecidos, e as vias emocionais substituem as cognitivas carregadas de justificativas, negações e acusações, que tendem a obstruir a abertura de novos canais de comunicação (Camicia et al., 2016).

Nesse sentido,

a associação da técnica de inversão de papéis e a construção de esculturas facilita explicitar o padrão disfuncional complementar do casal. A representação metafórica do relacionamento, associada a outros recursos técnicos, impede as justificativas e explicações próprias da discussão verbal, facilitando o desenvolvimento de novos padrões de comunicação (Fleury & Abdo, 2016, p. 47).

Outra estratégia para ampliar a compreensão dos padrões de interação é focar na maneira como os parceiros lidam com aspectos mais sensíveis do relacionamento, que desencadeiam sensações de vulnerabilidade e a conseqüente reatividade emocional, assim como focar na sintonia e na eficácia dos padrões interacionais que utilizam.

Outro recurso é a terapia focada na emoção, que busca expandir a consciência emocional do casal, especialmente emoções mais profundas e sensíveis, para que possam enviar novos sinais ao parceiro. Consequentemente, evoca respostas novas e mais positivas, que por sua vez são organizadas em novos padrões relacionais que geram mais segurança e confiança para o casal (Fleury & Abdo, 2016, p. 47)

Sendo o psicodrama uma das abordagens fundamentais que trabalham a comunicação e a relação dos casais, outra tem igual importância, a Terapia Cognitivo Comportamental.

2.5 A Terapia Cognitivo Comportamental

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) é uma abordagem da Psicologia que se caracteriza por ser um modelo estruturado e direcionado para a resolução de problemas atuais e a modificação de pensamentos e comportamentos disfuncionais. Nos dizeres de Oliveira, Dias, e Piccoloto (2013, p. 11),

frequentemente, os problemas vivenciados pelos indivíduos surgem a partir da interpretação deste a respeito de determinado evento, o que, por sua vez, influencia no humor e no comportamento subsequente. O objectivo da TCC é quebrar o ciclo que perpetua e amplifica os problemas do indivíduo. Para tanto, há uma série de técnicas capazes de modificar os pensamentos automáticos e, consequentemente, eliminar o impacto da tendenciosidade no humor e no comportamento.

A terapia cognitiva pode ser utilizada no tratamento dos mais diversos transtornos mentais, com pacientes de diferentes níveis de educação, renda e *background*, sendo também eficaz para as terapias de casal e famílias (Oliveira et al., 2013).

Pensando especificamente o aspecto do casal, a Terapia Cognitivo-Comportamental trouxe o modelo cognitivo que permitiu trabalhar com as expectativas,

atribuições e crenças na interação dos cônjuges. Vandenberghe (2006, p. 1) nota, portanto, que ela

contribuiu com técnicas de aceitação, com a valorização do contexto e a promoção da vivência intensa do fluxo das interações. Observe-se, além das inovações de cada geração, a continuidade de certas ideias. Técnicas como o treino de comunicação e de solução de problemas, que unem a terapia comportamental de casal por meio das abordagens, exemplificam a noção básica de que fazer um relacionamento funcionar é algo que precisa ser aprendido.

A história desse método remete até meados dos anos 70, quando três abordagens dominavam o campo da psicoterapia: a psicanálise, o behaviorismo e o humanismo. Desse modo, o desenvolvimento das Terapias Cognitivas-Comportamentais, no início dos anos 60, representava o que foi descrito como a "quarta força" na psicoterapia, surgindo a partir da terapia comportamental tradicional a qual, por sua vez, desenvolveu-se em relação ao behaviorismo radical. Entretanto, as TCCs podem ser distinguidas das suas antecessoras pela adoção da perspectiva mediacional que, no final dos anos 60 e início dos 70, testemunhou o auge desse fenômeno (Castro, 2015).

A criação da linha terapêutica é dada a Aaron T. Beck, que identificou certas características de humor de seus pacientes deprimidos, como, por exemplo, uma visão pessimista de si, do mundo e do futuro. O autor

começou, então, a estudar esses pacientes de forma mais detida e, com base nesse estudo, elaborou um modelo cognitivo da depressão. Posteriormente, Beck, Rush, Shaw e Gary (1979/1997) publicaram um livro mais detalhado sobre a terapia cognitiva da depressão. Atualmente, aproximadamente meio século após sua criação, a modalidade de terapia cognitiva de Beck vem sendo utilizada no tratamento de diferentes problemas psicológicos e de populações (Peçanha & Rangé, 2008, p. 2).

No que toca a abordagem comportamental em relação aos casais, ela teve grande influência no desenvolvimento de técnicas utilizadas nesse meio.

Inicialmente, as técnicas comportamentais foram empregadas, principalmente, no desenvolvimento do intercâmbio social simples e do contrato marital. Posteriormente, a Teoria da Aprendizagem Social também foi aplicada ao tratamento de casais. Dentro desse modelo teórico, ganhou destaque o exame das atribuições ou explicações, enquanto processos cognitivoperceptivos, que pessoas dão para os comportamentos de seus parceiros. Por exemplo, o esquecimento de uma data por parte de um cônjuge pode ser interpretado pela sua companheira da seguinte forma: “ele já não me ama mais” (Peçanha & Rangé, 2008, p. 2)

De forma sintética, portanto, pode-se dizer que a base da TCC é que os sentimentos e os comportamentos são determinados pela maneira como a pessoa estrutura e interpreta o mundo, de acordo com as suas crenças, com poder de modificar tais crenças, afetando o seu desenvolvimento socioemocional. Por isso, o objectivo é a reestruturação desses pensamentos, fazendo com que a pessoa encontre distorções da realidade que possam estar a gerar sofrimento (Castro, 2015).

Do mesmo modo, a ideia principal da Terapia Comportamental de Casal é que o relacionamento saudável é um fluxo contínuo que inclui tanto aspetos negativos como positivos. Quando há mudança positiva, os aspetos negativos do outro e de si mesmo podem ser aceites. Quando há aceitação, isso já é uma mudança que pode por si mesma conduzir a outras. Assim, um jogo dialético de aceitação e mudança está na base do tratamento (Castro, 2015).

A fase mais recente da Terapia Comportamental de Casais tem por foco aspetos da autoregulação da relação, envolvendo estratégias de mudança do comportamento do outro cônjuge a partir de mudanças nos comportamentos conjugais de cada um dos elementos do casal. A ênfase é dada em comportamentos que facilitem a mudança pela alteração da resposta ao comportamento indesejável do outro cônjuge. Esta mudança

estratégica tem por objectivo alterar a sequência comportamental e os padrões funcionais que, supostamente, manteriam a sequência não desejada (Halford, 1998, cit in. Castro, 2015).

Como sugere Castro (2015), baseando-se em Halford (1998), a TCC, além do que foi dito, poderia funcionar como um padrão de capacidades dos cônjuges para a manutenção e melhoria da sua relação, após o término da terapia formal, servindo para remediar a perda de benefícios em longo prazo.

Por fim, não se esgotando as possibilidades de compreensão dos fenômenos que provocam interferências nos relacionamentos conjugais, o apanhado teórico acima pretendeu lançar luz sobre tais aspectos. A seguir, esboçam-se os modos práticos de execução da presente pesquisa. Isto é, a metodologia sob a qual se chegará às respostas relativas às questões da presente pesquisa.

PARTE II

ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO III - Método

3.1. Introdução

Nessa pesquisa, utilizou-se um desenho misto, com recurso ao cruzamento das metodologias quantitativa (aplicação do teste EASAVIC – Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal – Anexo F) e qualitativa (aplicação de um questionário sociodemográfico e um questionário aberto – anexo H).

O questionário aberto serviu para nortear a E- entrevista, que surge com o intuito de responder aos questionamentos propostos na investigação. A investigação se trata de um Estudo de Caso com uma metodologia mista, com um viés qualitativo e quantitativo que, segundo Gray (2012, p.166):

Os desenhos de métodos mistos são aqueles que incluem, pelo menos, um método quantitativo e um qualitativo, onde nenhum deles está inerentemente ligado a qualquer paradigma de investigação específico. Isso implica, por exemplo, que um estudo etnográfico incorpore não apenas dados qualitativos oriundos de observação participante, mas também dados quantitativos de uma pesquisa de levantamento.

Diante do método, fez-se também necessário, o levantamento bibliográfico, para compor o enquadramento teórico com autores que discutiam o tema de redes sociais, relacionamentos e o divórcio como possível consequência, e também obras que abordaram a formação de casais e as metodologias para um melhor relacionamento.

3.2. Objectivos

O objectivo geral desta investigação é analisar a interferência das redes sociais nos relacionamentos conjugais e suas consequências, eos objectivos específicos são os seguintes:

- Analisar o que mais incomoda os cônjuges em relação ao uso de redes sociais (tanto relativamente ao parceiro (a), como relativamente a si mesmo (a));
- Identificar a influência e interferência das redes sociais nos relacionamentos conjugais;
- Identificar quais são os elementos subjetivos que são potencializados e são interpretados pelos cônjuges como interferência no relacionamento conjugal;
- Verificar o que mais incomoda os cônjuges em relação ao uso das redes sociais;
- Averiguar se o divórcio é uma das consequências dessa interferência.

Com os objectivos traçados, esta investigação buscou responder aos questionamentos propostos, por meio dos instrumentos que foram aplicados através da entrevista de investigação e da escala EASAVIC.

3.3 Questões de investigação

Como questão de partida da presente pesquisa surgiu a seguinte pergunta: As redes sociais são um fator gerador de conflitos nos relacionamentos conjugais?

3.4 Amostra, instrumentos e procedimentos

3.4.1 Participantes

Para compor a escolha dos participantes, optou-se por uma amostra por conveniência, composta por dez casais. Essa escolha efetivou-se com aqueles que participam de um trabalho de apoio e mediação em uma Clínica particular de João

Pessoa/Paraíba (Cf. Anexo D), onde a pesquisadora trabalha como psicóloga, porém queremos salientar aqui de forma clara que tais pessoas não foram seus pacientes.

3.4.2 Critérios de inclusão

Como critérios de inclusão, os participantes foram escolhidos a partir das interferências que as redes sociais de *Whatsapp* tem causado em seus relacionamentos.

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos casais participantes

CASAIS	IDADE	GÊNERO	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO	TEMPO DE CASAMENTO
CASAL 1	> 40	Masculino	Casado	Psicólogo	+ 10 anos
	> 40	Feminino	Casado	Psicólogo	+ 10 anos
CASAL 2	26-30	Masculino	União Estável	Psicólogo	1 a 3 anos
	21-25	Feminino	União Estável	Doutoranda em Química	1 a 3 anos
CASAL 3	36-40	Masculino	União Estável	Administrador	+ 10 anos
	36-40	Feminino	União Estável	Psicóloga	+ 10 anos
CASAL 4	>41	Masculino	União Estável	Corretor de Imóveis	+10 anos
	>41	Feminino	União Estável	Enfermeira/ Professora	+10 anos
CASAL 5	36-40	Masculino	União Estável	Bancário	3 a 5 anos
	36-40	Feminino	União Estável	Médica	3 a 5 anos
CASAL 6	36-40	Masculino	União Estável	Professor Universitário	+10 anos
	36-40	Feminino	União Estável	Pedagoga Coord. Pedag.	+ 10 anos
CASAL 7	>41	Masculino	União Estável	Aposentado Contador	+ 10 anos
	>41	Feminino	União Estável	Aposentada	+ 10 anos
CASAL 8	36-40	Masculino	União Estável	Contador	+ 10 anos
	>41	Feminino	União	Não	+ 10 anos

			Estável	respondeu	
CASAL 9	26-30	Masculino	União Estável	Engenheiro Civil	Menos de 1 ano
	26-30	Feminino	União Estável	Não respondeu	Menos de 1 ano
CASAL 10	>41	Masculino	Casado	Procurador	+ 10 anos
	>41	Feminino	Casado	Analista judiciário	+ 10 anos

A maioria dos participantes tem entre 36 a 41 anos, ficando apenas dois casais entre 26 e 30 anos. No que diz respeito ao estado civil, apenas dois casais formalizaram a relação, e os demais possuem uma união estável. Já no campo da profissão, todos os participantes têm de base formação acadêmica. Quanto ao tempo de relação, sete casais ficaram acima de 10 anos, apenas três casais que têm uma relação abaixo de cinco anos.

3.4.2. Instrumentos utilizados

Quanto aos instrumentos de investigação, foram utilizados o teste EASAVIC (Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal), tendo sido previamente solicitada autorização aos seus autores para a respetiva utilização (Cf. Anexo G) e um guião de entrevista semiestruturada, em profundidade e de questões abertas, que foi concebido especificamente para a presente investigação pela pesquisadora, tendo por base a revisão da literatura sobre o tema em análise, assim como os objectivos definidos para a investigação. Foi solicitada a devida autorização aos autores da escala utilizada.

Além do uso de um gravador que realizou o registro para a transcrição *a posteriori*, também foi utilizada uma grelha de observação que foi preenchida ao longo do processo de mediação com os casais na clínica e casais que utilizam o *Whatsapp*.

3.4.2.1. Questionário sociodemográfico para a entrevista

O questionário utilizado na investigação é composto por 15 questões distribuídas em duas partes.

A primeira parte é composta pelos dados sociodemográficos com cinco questões que buscam conhecer a idade, o gênero, o estado civil, a profissão e o tempo de relacionamento do casal.

Na segunda parte, é possível conferir nas 10 questões todos os questionamentos que foram contruídos com base nos objetivos traçados na investigação.

3.4.2.2. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal

A análise dos resultados foi realizada proveniente dos dados coletados para a escala EASAVIC. Os dados foram processados e analisados por meio do programa estatístico IBM SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) v25.

A EASAVIC (Narciso & Costa, 1996) é um instrumento de autoavaliação da satisfação conjugal, que fornece indicadores da satisfação experienciada em várias áreas da vida conjugal, bem como da satisfação conjugal global. É uma escala que tem como base a ideia de que a satisfação conjugal resulta de uma avaliação subjetiva e pessoal de cada cônjuge em relação ao casamento (Thompson, L., 1988, citado por Narciso & Costa, 1996). A escala é constituída por 44 itens que se organizam em 5 áreas da vida conjugal. Sendo elas:

- Intimidade Emocional: itens 19, 20, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44
- Sexualidade: itens 23, 24, 25, 26, 27, 28

- Comunicação/Conflito: itens 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22
- Funções Familiares: itens 1,2,3,4
- Rede Social: itens 7,8,9
- Autonomia: itens 10,11, 12, 13
- Tempos Livres: itens 5,6

Do total de itens, 16 focam-se no casal (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 14, 15, 16, 17, 18, 25, 28, 35 e 38), 14 no inquirido (9, 10, 12, 19, 21, 23, 26, 29, 31, 33, 36, 39, 41 e 43) e 14 no cônjuge (8, 11, 13, 20, 22, 24, 27, 30, 32, 34, 37, 40, 42 e 44). Os itens são avaliados numa escala de Likert em seis pontos, permitindo que cada indivíduo avalie a sua satisfação em cada um dos itens, escolhendo uma possibilidade entre: (1) Não satisfeito; (2) Pouco satisfeito; (3) Razoavelmente satisfeito; (4) Satisfeito; (5) Muito Satisfeito; (6) Completamente satisfeito.

3.4.3 Procedimentos

Após o convite feito aos participantes da pesquisa, foi descrito todo o processo de investigação, bem como os objectivos que compõem a pesquisa e que esse trabalho seria de cunho científico e a participação de cada casal seria voluntária com base na assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCL.

A coleta de dados *in loco* envolveu momentos distintos, que se complementam, buscando a compreensão do objeto específico do estudo, a influência do *Whatsapps* na relação dos casais. Para isso, instrumentos de investigação e de estudo (questionários) foram aplicados junto aos sujeitos pesquisados.

Com o intuito de analisarmos a influência do *Whatsapps* no relacionamento dos casais, foi preciso compreendermos a opinião do casal, isto é, a fala de cada um seria

fundamental para a elaboração da compreensão desse tema. Sendo assim, em termos quantitativos, foi aplicado um questionário a cada pessoa, no total participaram cerca de dez casais. Para a seleção dos participantes, levamos em consideração casais que fossem casados, que coabitassem a mesma residência, independentemente de faixa etária, de classe social e/ou situação financeira.

Primeiramente, foram escolhidos alguns casais que já eram pacientes de uma clínica particular de João Pessoa / PB. Nesse ínterim, contactamos dez casais após as sessões terapêuticas e fizemos uma breve explicação do objectivo da nossa pesquisa, como também, apresentamos o questionário. Nesse momento, foi apresentado o Termo de Consentimento, no qual cada um seria livre para assinar e participar. Após o consentimento deles, cada participante se dispôs a responder individualmente o questionário, em uma sala à parte na nossa clínica, sob a minha supervisão.

Durante o momento da aplicação dos questionários, quando algum participante tinha alguma observação e/ou não compreendia algum dos itens do questionário, a explicação era fornecida, visto que sabemos que às vezes nem todas as pessoas gostam de se expor e fazer perguntas.

A coleta dos dados ocorreu entre os meses maio e junho de 2019, em uma Clínica de Psicologia da Cidade de João Pessoa/PB. Além do questionário preenchido, foi aplicado também o teste EASAVIC para mensurar o grau de satisfação conjugal.

Ao final da aplicação dos instrumentos, a pesquisadora ainda se colocou à disposição dos pesquisados apresentando algumas opiniões e sugestões conforme foram surgindo os questionamentos. O preenchimento e a aplicação do instrumento durou cerca de 30 minutos para cada pessoa.

Com relação ao perfil dos sujeitos pesquisados foram consideradas algumas variáveis como:

- a) Faixa etária: das 20 pessoas entrevistadas, 01 está entre 21 e 25 anos; 03 estão entre 31 e 35 anos; 07 estão entre 36 e 40 anos; 09 entre mais de 41 anos;
- b) Estado civil: dos 20 pesquisados, 18 eram casados e 02 são divorciados;
- c) Profissão: dos 20 pesquisados, a maioria possui profissão liberal diversas e exercem sua profissão, apenas 02 dos pesquisados ainda não estão no mercado de trabalho, 01 é estudante de doutorado e a outra pessoa não exerce a profissão;
- d) Tempo de casados: dos 20 pesquisados, percebe-se que 02 estão casados há menos de 01 ano; 02 entre 01 e 03 anos; 02 entre 03 e 05 anos; 02 entre 05 e 10 anos, e 12 estão casados há mais de 10 anos;

Após a coleta dos dados, estes foram selecionados e tabulados conforme o instrumento utilizado. Para o teste EASAVIC, foi utilizado o programa de tratamento de dados estatísticos SPSS-IBM22, na qual recorreu-se a somatórios gerais por subescalas.

No caso do questionário, a primeira parte que compõe a contextualização dos participantes foi tabulada e descrita na tese. Em relação à parte da pesquisa empírica, foi feita a categorização das respostas com base na análise de conteúdo de Bardin, que segundo o autor “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero, com critérios bem definidos” (Bardin, 2016, p. 147).

CAPÍTULO IV – Análise dos Resultados

4.1 Interpretação dos resultados obtidos pelo teste EASAVIC

Para interpretação dos resultados, foram utilizados como referência os pontos de cortes totais e das subescalas estabelecidos por Narciso e Costa (1996). Dessa forma, o ponto de corte global do instrumento EASAVIC é 110, sendo 44 como o valor de menor grau de satisfação e 264 como maior grau.

Para as subescalas, temos os seguintes valores:

- Intimidade - ponto de corte 45, tendo como menor grau de intimidade 18 e 108 como valor de maior grau;
- Sexualidade - ponto de corte 15, tendo como menor grau de sexualidade 6 e 36 como valor de maior grau;
- Comunicação - ponto de corte 18, tendo como menor grau de comunicação 7 e 42 como valor de maior grau;
- Funções Familiares - ponto de corte 10, tendo como menor grau de funções familiares 4 e 24 como valor de maior;
- Rede social - ponto de corte 8, tendo como menor grau de rede social 3 e 18 como valor de maior grau;
- Autonomia - ponto de corte 10, tendo como menor grau de autonomia 4 e 24 como valor de maior grau;
- Tempos Livres - ponto de corte 5, tendo como menor grau de tempos livres 2 e 12 como valor de maior grau;

Após o preenchimento dos dados na escala EASAVIC, pelos elementos dos casais participantes na presente investigação, estes foram analisados pelo programa estatístico IBM SPSS v25, obtendo os seguintes dados:

Tabela 2. Teste EASAVIC

<i>EASAVIC</i>	Casal 1		Casal 2		Casal 3		Casal 4		Casal 5	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Intimidade	101	97	108	100	98	101	92	99	68	78
Sexualidade	29	22	34	36	35	34	25	32	24	35
Comunicação	37	32	42	41	42	39	37	37	24	26
Funções Familiares	15	20	20	20	20	20	19	15	16	15
Rede Social	11	12	17	17	16	15	13	16	12	17
Autonomia	23	24	24	24	24	24	18	19	16	20
Tempos Livres	7	10	9	10	10	12	9	10	9	11
Valores Globais	223	217	254	248	245	245	213	228	169	202

Após a análise dos resultados da EASAVIC do **Casal 1**, obtivemos um valor de somatório global de 223 para Masculino e 217 para Feminino, desta forma podemos concluir que ambos se encontram acima do ponto de corte referido pela autora da escala, sendo assim um casal satisfeito. Contudo, pode-se ainda acrescentar que o homem do casal 1 revelou um maior grau de satisfação em comparação com a mulher. Adicionalmente, verificou-se que, nos resultados obtidos pelas subescalas, M apresenta uma maior discrepância de valores em: Intimidade (101/97), Comunicação (37/32) e Sexualidade (29/22), sendo que esses valores são mais elevados em comparação com F.

Após a análise dos resultados da EASAVIC do **Casal 2**, obtivemos um valor de somatório global de 254 para o homem e 248 para mulher, desta forma podemos concluir que ambos se encontram acima do ponto de corte, portanto um casal satisfeito.

Adicionalmente, verificou-se que, nos resultados obtidos pelas subescalas, M apresenta uma maior discrepância de valores em: Intimidade (108/100), sendo que este valor mais elevado em comparação com F. Para as demais escalas, apresenta proximidade nas avaliações entre o elemento masculino e feminino.

Após a análise dos resultados da EASAVIC do **Casal 3**, obtivemos um valor de somatório global de 245 para ambos os elementos, dessa forma podemos concluir que ambos se encontram acima do ponto de corte referido pela autora da escala, sendo assim um casal satisfeito. Adicionalmente, verificou-se que, nos resultados obtidos pela subescala, M apresenta uma maior discrepância de valores em Comunicação (42/39).

Após a análise dos resultados da EASAVIC do **Casal 4**, obtivemos um valor de somatório global de 213 para Masculino e 228 para Feminino, dessa forma podemos concluir que ambos se encontram acima do ponto de corte referido pela autora da escala, sendo assim um casal satisfeito. Contudo, pode-se ainda acrescentar que o elemento feminino do casal 4 revelou um maior grau de satisfação em comparação ao elemento masculino. Adicionalmente, verificou-se que, nos resultados obtidos pelas subescalas, M apresenta uma maior discrepância de valores em: Intimidade (92/99) e Sexualidade (25/32), sendo que esses valores são mais baixos em comparação com F.

Após a análise dos resultados da EASAVIC do **Casal 5**, obtivemos um valor de somatório global de 169 para Masculino e 202 para Feminino, dessa forma podemos concluir que ambos se encontram acima do ponto de corte referido pela autora da escala, sendo assim um casal satisfeito. Contudo, pode-se ainda acrescentar que o elemento feminino do casal 5 revelou um maior grau de satisfação em comparação ao elemento masculino. Adicionalmente, verificou-se que, nos resultados obtidos pelas subescalas, M apresenta uma maior discrepância de valores em: Intimidade (68/78),

Autonomia (16/20) e Sexualidade (24/35), sendo que esses valores são mais baixos em comparação com F.

Tabela 3. Teste EASAVIC

<i>EASAVIC</i>	Casal 6		Casal 7		Casal 8		Casal 9		Casal 10	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Intimidade	68	83	94	85	93	79	83	84	49	49
Sexualidade	13	22	28	23	36	28	32	28	12	12
Comunicação	23	31	34	31	37	23	29	26	13	14
Funções Familiares	12	16	20	22	24	17	12	10	18	8
Rede Social	8	10	18	15	17	14	17	11	12	9
Autonomia	15	20	24	20	24	19	15	14	10	8
Tempos Livres	5	8	12	10	6	6	10	6	6	4
Valores Globais	144	190	230	206	237	186	198	179	120	104

Após a análise dos resultados da EASAVIC do **Casal 6**, obtivemos um valor de somatório global de 144 para Masculino e 190 para Feminino, dessa forma podemos concluir que ambos se encontram acima do ponto de corte referido pela autora da escala, sendo assim um casal satisfeito. Contudo, pode-se ainda acrescentar que o elemento feminino do casal 6 revelou um maior grau de satisfação em comparação ao elemento masculino. Adicionalmente, verificou-se que, nos resultados obtidos pelas subescalas, M apresenta uma maior discrepância de valores em: Intimidade (68/83), Comunicação (23/31) e Sexualidade (13/22), sendo que esses valores são mais baixos em comparação com F. Ressalta-se ainda, insatisfação do elemento masculino na subescala Sexualidade.

Após a análise dos resultados da EASAVIC do **Casal 7**, obtivemos um valor de somatório global de 230 para Masculino e 206 para Feminino, dessa forma podemos

concluir que ambos se encontram acima do ponto de corte referido pela autora da escala, podendo se considerar, assim, um casal satisfeito. Contudo, pode-se ainda acrescentar que o elemento masculino do casal 7 revelou um maior grau de satisfação em comparação ao elemento feminino. Adicionalmente, verificou-se que, nos resultados obtidos pelas subescalas, M apresenta uma maior discrepância de valores em: Intimidade (94/85) e Sexualidade (28/23), sendo que esses valores são mais elevados em comparação com F.

Após a análise dos resultados da EASAVIC do **Casal 8**, obtivemos um valor de somatório global de 237 para Masculino e 186 para Feminino, dessa forma podemos concluir que ambos se encontram acima do ponto de corte referido pela autora da escala, sendo assim um casal satisfeito. Contudo, pode-se ainda acrescentar que o elemento masculino do casal 8 revelou um maior grau de satisfação em comparação ao elemento feminino. Adicionalmente, verificou-se que nos resultados obtidos pelas subescalas, M apresenta uma maior discrepância de valores em: Intimidade (93/79), Comunicação (37/23) e Sexualidade (36/28), sendo que esses valores são mais elevados em comparação com F.

Após a análise dos resultados da EASAVIC do **Casal 9**, obtivemos um valor de somatório global de 198 para Masculino e 179 para Feminino, dessa forma podemos concluir que ambos se encontram acima do ponto de corte referido pela autora da escala, sendo assim um casal satisfeito. Contudo, pode-se ainda acrescentar que o elemento masculino do casal 9 revelou um maior grau de satisfação em comparação ao elemento feminino. Adicionalmente, verificou-se que, nos resultados obtidos pelas subescalas, M apresenta uma maior discrepância de valores em: Sexualidade (32/28) e Rede Social (17/11), sendo que esses valores são mais elevados em comparação com F.

Após a análise dos resultados da EASAVIC do **Casal 10**, obtivemos um valor de somatório global de 120 para Masculino e 104 para Feminino, dessa forma podemos concluir que apenas o elemento masculino se encontra acima do ponto de corte referido pela autora da escala, sendo assim apenas um elemento satisfeito. Pode-se ainda acrescentar que o elemento masculino do casal 10 revelou um maior grau de satisfação em comparação ao elemento feminino, principalmente na subescala Funções Familiares (18/8). Ressalta-se ainda, insatisfação de ambos elementos na subescala Sexualidade e Comunicação. O elemento feminino também apresenta insatisfação com a subescala Funções Familiares.

De forma global, nos dez participantes da investigação, podemos averiguar que os elementos masculinos apresentaram uma maior satisfação conjugal em comparação com os elementos femininos. Adicionalmente, os elementos que constituem o Casal 10 apresentaram valores com mais diferenças significativas entre si de subescala para subescala, enquanto os elementos de Casal 3 apresentaram valores mais aproximados nas diferentes subescalas.

4.2 Interpretação dos resultados obtidos pela Entrevista

Para a análise das Entrevistas dos casais, foi utilizado um questionário que continha duas partes, a primeira era relacionada à caracterização dos participantes, com 5 perguntas, e a segunda sobre a pesquisa empírica, com 10 perguntas.

Quadro 01: Estatística descritiva das características da utilização das redes sociais

UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS		
	n	%
Uso de outras redes sociais além do <i>Whatsapp</i>		
Sim	18	90%
Não	02	10%
Redes que utiliza		
<i>Whatsapp</i>	3	15%
<i>Facebook</i>	15	75%
<i>Instagram</i>	13	65%
<i>Linkdin</i>	1	5%
<i>Twitter</i>	1	5%
Não usa	1	5%
Tempo diário que passa nas redes sociais		
Meia hora	1	5%
Uma hora	2	10%
Duas horas	3	15%
Três vezes ao dia	9	45%
Não soube explicar	5	25%
O que procura nas redes sociais / <i>Whatsapp</i>		
Trabalho / Negócios	15	75%
Família	6	30%
Amigos / Comunicação	7	35%
Pesquisa Acadêmica	2	10%
Existência de interferência das redes sociais/<i>Whatsapp</i> na relação do casal		
Sim	11	55%
Não	09	45%

Sobre as perguntas feitas aos participantes, no que se refere à utilização das redes sociais, a maioria dos participantes 90% (18) disseram utilizar outras redes sociais, além do *Whatsapp*. Quanto àqueles que utilizam outras redes sociais, a maioria sinalizou mais de uma rede social na escala e com isso, foi feita a análise com base na recorrência. O *Facebook* foi o de maior destaque na investigação, com 15 participantes

que relatam utilizá-lo, já o *Instagram* ficou com 13 participantes e apenas o *Whatsapp* com 3 menções na entrevista.

Sobre o tempo diário que os participantes passam nas redes sociais, a maioria (nove participantes) relatou três vezes ao dia. No que diz respeito à justificativa do uso das redes sociais/*Whatsapp*, os participantes chegaram a responder de um a três itens cada, evidenciando assim o que mais utilizavam. Nesse caso, o trabalho e o negócio foram mencionados por 75% dos participantes (15), seguidos do contato com amigos 35% (7) e família 30% (6).

No que tange à percepção dos casais sobre a interferência das redes sociais/ relação deles, a maioria dos inquiridos, cerca de 55% (11) acreditam que sim, e os 45% restantes não demonstraram essa preocupação quanto às redes sociais.

No que tange à análise de conteúdo das entrevistas clínicas, as questões foram categorizadas em: conjugalidade, comunicação e satisfação conjugal.

Tabela 4. Análise de conteúdo das Entrevistas

Conjugalidade			
1- Reacção do cônjuge quando recebe mensagem de outras pessoas	Casal 1	Masculino	“Curiosidade.”
		Feminino	“Pergunto, quero saber quem é”
	Casal 2	Masculino	“Eu não monitoro o <i>Whatsapp</i> dela”
		Feminino	“Pergunto quem é”
	Casal 3	Masculino	“Não tem problemas”
		Feminino	“Muito tranquilo”
	Casal 4	Masculino	“Não reajo, não tenho acesso ao celular dela”
		Feminino	“Pergunto quem é, mas não acesso o celular dele”
	Casal 5	Masculino	“Pergunto quem é”
		Feminino	“Curiosidade”
	Casal 6	Masculino	“Não me importo com isto”

	Feminino	“Às vezes eu leio as mensagens”
Casal 7	Masculino	“Não questiono, nem procuro saber”
	Feminino	“Fico curiosa para saber quem é e do que se trata”
Casal 8	Masculino	“Tranquilo”
	Feminino	“Fico insegura e procuro investigar o interesse e o conteúdo das conversas”
Casal 9	Masculino	“Fico de boa”
	Feminino	“Não fico preocupada”
Casal 10	Masculino	“Fico com ciúmes e inseguro e irritado”
	Feminino	“Insegurança, ciúmes”

Em relação à categoria **conjugalidade** e à subcategoria **reação do cônjuge quando recebe mensagem de outras pessoas**:

Dos casais participantes na pesquisa, cerca de 2 casais demonstraram **ter curiosidade sobre o teor das mensagens** recebidas pelos cônjuges, esses foram para o casal 1 e 5. Para o casal 1, o esposo relatou possuir uma “curiosidade” sobre as mensagens recebidas pela esposa, e ela, por sua vez, já foi categórica ao afirmar que “perguntof, quero saber quem é”. No caso do casal 5, o esposo pergunta quem enviou a mensagem, enquanto a esposa apenas tem a curiosidade.

Daqueles casais que apenas **um dos cônjuges monitora** as mensagens recebidas pelos seus companheiros, foram percebidos por 5 casais. No casal 2, a esposa monitora as mensagens “Pergunto quem é”, enquanto o esposo apenas relata “não ter problemas”. Já o casal 4, a esposa relata: “pergunto quem é, mas não acesso o celular dele”, enquanto o marido: “não reajo, não tenho acesso ao celular dela”. O casal 6 tem o marido que diz: “não importo com isto”, enquanto a esposa monitora diretamente o celular dele e, segundo ela, “às vezes leio as mensagens”. Em relação ao casal 7, o marido diz: “não questiono, nem procuro saber”, e a esposa é quem tem o papel de

monitorar as mensagens: “fico curiosa para saber quem é e do que se trata”. E, no último casal dentro dessa resposta, o casal 8, para o marido “é tranquilo”, enquanto para a esposa: “fico insegura e procuro investigar o interesse e o conteúdo das conversas”. Diante dessa análise, percebe-se que apenas as mulheres buscavam monitorar as mensagens recebidas pelos cônjuges, demonstrando assim, uma insegurança muito grande na relação.

Essa insegurança, que foi relatada por alguns participantes, pode estar atrelada, segundo Aboim (2006) a uma dependência entre o casal, em que, por maior que seja o laço afetivo dos sujeitos, mais excludente fica a autonomia individual. A autora acredita que a base de uma boa relação está entre a diferença de gêneros que pode proporcionar a completude tanto amorosa quanto espiritual.

No que se refere apenas à tranquilidade entre os cônjuges, quanto ao recebimento das mensagens, apenas dois grupos demonstraram que não se preocupam com o que seus cônjuges recebem pelo *Whatsapp*. No casal 3, para o esposo “não tem problemas”, e a esposa relatou também que é “muito tranquilo”. Já o casal 9, para o marido “fico de boa” e a esposa “não fico preocupada”. Demonstrando, assim, uma segurança maior na relação.

Essa tranquilidade defendida pelos cônjuges vai ao encontro do que defende Vieira (2012) sobre o relacionamento conjugal. Para a autora, a satisfação conjugal depende do comprometimento dos cônjuges para uma relação de estabilidade e, para que isso ocorra, é necessário uma adaptação mútua entre as pessoas, com o objectivo de criarem uma estrutura conjugal própria, em que a sua base de sustentação seja a fusão dos padrões e dos valores que cada um adquiriu ao longo da vida. Diante disso, é possível perceber essa estrutura de tranquilidade e de segurança entre o discurso desses participantes.

Já no que diz respeito ao ciúme do casal desencadeado pelas mensagens recebidas por meio do *Whatsapp*, apenas um casal demonstrou esse sentimento. Para o casal 10, o marido relatou: “fico com ciúmes e inseguro e irritado”, enquanto a esposa diz ter “insegurança e ciúmes”, demonstrando assim, uma reação de desconfiança mútua na relação, como verificou-se na tabela anterior.

Já no que diz respeito à **categoria “comunicação”** e a **subcategoria motivos dos conflitos**, foram divididos em 4 tipos de respostas: 1- Desconfiança, insegurança e ciúme; 2 – Falta de tempo para a relação / Dar atenção ao aplicativo; 3 – Não há motivos para conflitos e 4 – Não respondeu.

Tabela 5. Análise de conteúdo das Entrevistas

Comunicação			
1- Motivos dos conflitos	Casal 1	Masculino	Interatividade pessoal
		Feminino	Nenhum. Procuo me policiar para o tempo de família
	Casal 2	Masculino	Insegurança e ciúme
		Feminino	Má interpretação, desconfiança
	Casal 3	Masculino	Nenhum
		Feminino	Isto não é um problema para nós
	Casal 4	Masculino	Para nós, nenhum problema
		Feminino	Não temos problemas em relação a isto
	Casal 5	Masculino	Não respondeu
		Feminino	Desconfiança
	Casal 6	Masculino	Falta de atenção com o outro
		Feminino	Falta de organização do tempo
	Casal 7	Masculino	Vejo como uma ferramenta de trabalho e comunicação
		Feminino	Ferramenta propícia para abrir canais de comunicação indesejados e perigosos
	Casal 8	Masculino	Dar mais atenção ao aplicativo do que ao relacionamento

	Feminino	Falta tempo para a relação
Casal 9	Masculino	Falta de confiança
	Feminino	Ciúmes
Casal 10	Masculino	Insegurança e ciúmes
	Feminino	Discussões, insegurança
Casal 1	Masculino	Negócios futuros
	Feminino	Trabalho
Casal 2	Masculino	Preciso fazer Networking
	Feminino	Não
Casal 3	Masculino	Não
	Feminino	Não
Casal 4	Masculino	Não
	Feminino	Não
Casal 5	Masculino	Profissional
	Feminino	Não
Casal 6	Masculino	Não
	Feminino	Questões profissionais
Casal 7	Masculino	Não
	Feminino	Não
Casal 8	Masculino	Não
	Feminino	Relações de trabalho e/ou grupos de estudo e cursos
Casal 9	Masculino	Não
	Feminino	Não
Casal 10	Masculino	Fazer novas amizades
	Feminino	Fazer novas amizades

2 – Aceitação de novas pessoas nas redes sociais fora do círculo social

Dos casais que responderam desconfiança, insegurança e ciúmes, em relação ao casal 2, o esposo respondeu que há “insegurança e ciúme”, enquanto a esposa respondeu que há “má interpretação, desconfiança”. O casal 9 teve como resposta do marido “falta de confiança” e da esposa “ciúmes”, já, no casal 10, o marido relatou “insegurança e

ciúmes” e a esposa “discussões e insegurança”. Apenas a esposa do casal 5 demonstrou essa mesma linha de pensamento em seu discurso “desconfiança”.

Segundo Mallmann (2015), o ciúme em uma relação conjugal torna-se patológico quando um ou ambos tenham vivenciado na fase edípica questões que não foram bem resolvidas. Já para Donnamaria e Terzis (2009), o casal necessita ter maturidade para lidar com situações conflituosas advindas de uma desconfiança e insegurança, e, para que os casais possam ter sucesso em suas relações, é necessário que haja uma manutenção do diálogo e que, com esse processo, a confiança possa ser restabelecida.

Em relação à resposta sobre a falta de tempo para a relação e dar atenção maior ao aplicativo que à relação, apenas um casal e um dos cônjuges de um outro casal que demonstraram em suas respostas essa linha. Para o casal 6, o marido relatou “falta de atenção com o outro”, enquanto a esposa apontou a “falta de organização do tempo”. Já a esposa do casal 8 diz ter “falta de tempo para a relação”, reforçando ainda mais a prioridade com o aplicativo do que com o relacionamento.

O entendimento sobre não haver nenhum motivo de conflitos entre os cônjuges que utilizam o aplicativo de *Whatsapp* foi demonstrado por quatro casais (1, 3, 4 e 7). Para o casal 1, as respostas foram claras sobre a inexistência de problemas na relação; para a esposa: “Nenhum. Procuo me policiar para o tempo de família”, e para o marido: “interatividade pessoal”. No casal 3, o esposo disse: “nenhum”, e a esposa também com o mesmo pensamento respondeu que: “isto não é um problema para nós”. No casal 4, para o marido: “para nós, nenhum problema”, e para a esposa: “não temos problemas em relação a isso”. E, por último, o casal 7 teve um pensamento muito próximo dos motivos que utilizam o *Whhatsapp*: para o esposo, “vejo como uma ferramenta de

trabalho e comunicação”, e a sua companheira já reforça que é uma “ferramenta propícia para abrir canais de comunicação indesejados e perigosos”.

Corroborando os participantes, Marteleto (2010) acredita que as interações e as relações sociais advindas das tecnologias podem proporcionar aos atores uma interdependência e uma amplitude das relações pessoais e profissionais, proporcionando, assim, o conhecimento cultural e social dos sujeitos. Isso significa agregar valores, e, por isso, para esses participantes, não há como haver conflitos diante de um instrumento que possa proporcionar tantos benefícios a eles.

Sobre essa questão, apenas o esposo do casal 5 preferiu não opinar.

Para a **subcategoria aceitação de novas pessoas nas redes sociais fora do círculo social**, os casais 3, 4, 7 e 9 responderam que não aceitam solicitação de amizade ou mensagens de pessoas que não fazem parte de seu círculo social. Já aquele cônjuge que disse não aceitar essas pessoas, enquanto o companheiro (a) disse o contrário, foram as esposas do casal 2 e 5, e os maridos dos casais 6 e 8.

Mira e Bodoni (2011), em seus estudos, trazem as comunidades virtuais não como comunidades sociais, mas como um meio de interação entre as pessoas que têm um interesse comum, seja ele profissional ou pessoal. Os autores ainda discorrem sobre a complexidade de definir um conceito tão contemporâneo que não pode ser visto pelas pessoas apenas como uma reunião de grandes grupos. Contudo, o que os casais defendem é a não aceitação de pessoas que não fazem parte do seu convívio, o que vem sendo defendido inclusive, pelos autores.

A aceitação com a justificativa de negócios futuros/trabalhos foi respondida pelo casal 1, pelo marido do casal 2 e pelas companheiras dos casais 6 e 8. Como é demonstrado na tabela abaixo:

Sobre a categoria “satisfação conjugal” e a subcategoria percepção sobre o uso correto do *Whatsapp* para os casais, foram detectados quatro linhas de respostas: 1 – Respeito, privacidade e confiança; 2 – Propósito de uso e equilíbrio; 3 – Não haver privacidade/acesso livre do cônjuge às mensagens do outro; e 4 – Não respondeu.

Tabela 6. Análise de conteúdo das Entrevistas

Satisfação Conjugal			
1- Percepção sobre o uso correto do <i>Whatsapp</i> para os casais	Casal 1	Masculino	Ter um propósito autêntico de uso
		Feminino	Acordo sobre o tempo de uso e confiança entre ambos
	Casal 2	Masculino	Comunicação a distância
		Feminino	Respeito
	Casal 3	Masculino	Confiança
		Feminino	Como tudo na vida, deve-se ter equilíbrio também no uso do aplicativo
	Casal 4	Masculino	Bom senso
		Feminino	Respeito e confiança. Administrar o hábito de acesso aos aplicativos
	Casal 5	Masculino	Não respondeu
		Feminino	Desconfiança
	Casal 6	Masculino	Entendê-lo como uma ferramenta de trabalho
		Feminino	Estabelecer limites. Não usar o celular em determinados momentos
	Casal 7	Masculino	Não respondeu
		Feminino	Cada um conhecer a agenda de contatos do outro. Ver e ouvir as mensagens na frente do outro
	Casal 8	Masculino	Fazer uso com bom senso
		Feminino	Sinceridade, transparência e respeito
	Casal 9	Masculino	Um poder usar o <i>Whatsapp</i> do outro
		Feminino	Não respondeu
	Casal 10	Masculino	Não utilizar o <i>Whatsapp</i> quando estiverem juntos
		Feminino	Colocar regras para o uso

Em relação a resposta 1– Respeito, privacidade e confiança, essa foi evidenciada por 4 pessoas distintas: o casal 2 (esposa) “respeito”; o casal 3 (marido) “confiança”; o casal 4 (esposa) “respeito e confiança. Administrar o hábito de acesso aos aplicativos”; e o casal 8 (esposa) “sinceridade, transparência e bom senso”. Nesse quesito, não obtivemos resposta de nenhum casal, sempre tinha ou a esposa ou o marido acreditando no respeito a privacidade, e, no caso dos participantes, a maioria foi de mulheres que responderam dessa forma.

Corroborando a resposta sobre o respeito, a privacidade e a confiança no uso das tecnologias, Bereza, Martins, Moresco e Zanoni (2005) defendem a construção e a manutenção de uma relação conjugal com base na satisfação dos cônjuges e na comunicação eficaz do casal, com isso o conhecimento mais aprofundado dos sujeitos faz com que a parceria dos cônjuges seja de sucesso e de muito respeito.

Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sarlin (2004) acreditam que a relação conjugal transforma-se ao longo do ciclo de vida familiar e com ela a satisfação também passa a ser modificada. Embora a satisfação conjugal seja considerada por muitos estudiosos como um fenômeno complexo, é carregada por símbolos que representam a trajetória do casal. É perante isso que o respeito, a privacidade e a confiança compõem requisitos primordiais para a satisfação do casal com a relação.

A resposta 2 – Propósito de uso e equilíbrio, foi evidenciada por dois casais e 5 pessoas. O casal 1, tanto a esposa quanto o marido acreditam no equilíbrio do uso das redes sociais, para ela: “acordo sobre o tempo de uso e confiança de ambos”, e o esposo: “ter um propósito autêntico de uso”; o casal 6 compreende que o limite é importante, para o marido o aplicativo “é uma ferramenta de trabalho”, já a esposa acredita que necessita “estabelecer limites. Não usar o celular em determinados momentos”. O casal 10 também concorda com as regras de uso, o marido relatou: “não utilizar o *Whatsapp*

quando estiverem juntos”, e para a esposa é preciso “colocar regras para o uso”. No que diz respeito às respostas vindas de um dos cônjuges sobre esse tema, no casal 2, o esposo defendeu essa ideia dizendo que o *Whatsapp* serve para “uma comunicação a distância”, demonstrando, assim, o equilíbrio do uso. Em relação ao casal 3, apenas a esposa defende essa linha de resposta, para ela: “como tudo na vida deve-se ter equilíbrio também no uso do aplicativo”, já o esposo que representa o casal 4 defende o “bom senso”, e, por último, o esposo do casal 8 também acredita que é preciso “fazer uso com bom senso.”

Esse equilíbrio proposto pelos casais reforça ainda mais a comunicação nos relacionamentos. Bereza et al. (2005) acreditam que a interação e a comunicação franca entre as pessoas proporcionam uma relação mais satisfatória que visa ao respeito e à reciprocidade entre o casal que pode ser conferidos nas ações de cada um.

A respeito do livre acesso ao celular do cônjuge e às contas das redes sociais, apenas três participantes defenderam essa linha. No casal 5, a esposa deixou claro esse desejo para ela significa que há “desconfiança”. Para a esposa que representa o casal 7, “cada um precisa conhecer a agenda de contatos do outro. Ver e ouvir as mensagens na frente do outro”, evidenciando assim, um acesso livre aos aplicativos do esposo. O marido do casal 9 também defendeu a possibilidade “de um usar o *Whatsapp* do outro”. Diante dessas respostas, é nítida a insegurança desses participantes, levando-os até a um livre acesso à privacidade do cônjuge.

Esse livre acesso que foi defendido pelos casais é descrito por Canezin e Almeida (2015) como uma relação de posse. Em estudos realizados pelos autores sobre o ciúme e as redes sociais, o perfil do casal que tem a senha e o acesso livre às redes sociais e *Whatszapp* é daquele que detém o controle da situação. Mesmo tendo uma

individualidade, o livre acesso reforça uma relação de desconfiança e de ciúmes o que, a médio prazo, pode proporcionar a discussão e a fragilidade da relação conjugal.

Já aqueles que preferiram não responder a esse questionamento foram as esposas dos casais 5 e 7 e o marido do casal 9.

Conclusão

No contexto atual, com a inserção das tecnologias digitais, com o uso da internet e das redes sociais, ocorre, de fato, uma alteração, de maneira tácita, nas relações interpessoais. O estímulo ao acesso à informação e a necessidade em estar conectado e respondendo as mensagens ou socilitando respostas a outros que fazem parte da rede de relacionamento compõem um cenário desafiador para a manutenção e para a integração dessa nova realidade aos relacinamentos afetivos. As conexões entre as pessoas envolvidas em um relacionamento afetivo, em condições não virtuais, constitui a temática investigada a respeito da interferência das redes sociais nos relacionamentos conjugais.

Com isso, esta investigação buscou aprofundar-se nesse fenômeno atual que envolve o uso dos meios tecnológicos inseridos nas relações conjugais, tendo como objeto as redes sociais que surgem para responder às diversas demandas individuais e coletivas, que vão desde os aspetos profissionais aos pessoais, como foi verificado na dissertação.

O objectivo geral da investigação versou analisar a interferência das redes sociais nos relacionamentos conjugais e suas consequências. Verificamos que este foi cumprido uma vez que os discursos dos casais corroboram os elementos que constituem a interferência das redes sociais, seja de forma positiva, seja negativa na relação. Quanto ao objectivos específicos: 1. Analisar o que mais incomoda os cônjuges em relação ao uso de redes sociais (tanto relativamente ao parceiro (a), como relativamente a si mesmo (a)); 2. Identificar a influência e interferência das redes sociais nos relacionamentos conjugais; 3. Identificar quais são os elementos subjetivos que são potencializados e são interpretados pelos cônjuges como interferência no relacionamento conjugal; 4.

Verificar o que mais incomoda os cônjuges em relação ao uso das redes sociais; 5. Averiguar se o divórcio é uma das consequências desta interferência, diante dos resultados, todos atingiram a sua expectativa, como pode verificar-se na análise comparativa dos instrumentos utilizados.

Em relação aos dois instrumentos utilizados na pesquisa, Teste EASAVIC e questionário semiestruturado: o casal 1 obteve um valor global maior do que o ponto de corte referido pelas autoras, apresentando um grau de satisfação acima do corte, com uma pequena diferença entre o marido e a esposa, ele com uma satisfação maior em relação a esposa. No que se refere à análise de conteúdo feita com o casal, houve a avaliação das três categorias selecionadas: “conjugalidade”, “comunicação” e “satisfação conjugal”.

Em relação à primeira categoria, foi averiguada a reação do cônjuge quando esse recebia alguma mensagem das redes sociais ou *Whatsapp*: o esposo diz ficar curioso, enquanto a esposa não viu problema neste tema. Já no campo da comunicação, ambos disseram não existir nenhum conflito em relação ao uso das redes sociais. A satisfação conjugal é mensurada por ambos pelo equilíbrio do uso do aplicativo de *Whatsapp*. Diante desses resultados, pode-se conferir e confirmar a satisfação do casal na relação conjugal e, para ambos, as redes sociais não atrapalham a relação.

O casal 2, no resultado do teste EASAVIC, também demonstrou um valor de corte acima, com uma diferença entre o marido e a esposa no quesito intimidade, contudo as demais categorias se apresentaram próximas, reforçando, assim, a satisfação do casal. Na análise dos conteúdos, a categoria “conjugalidade” teve uma marca significativa para o esposo que demonstrou uma certa insegurança, enquanto a esposa demonstrou apenas curiosidade. No aspecto comunicação, enquanto o esposo demonstra tranquilidade em aceitar a amizade de pessoas fora do seu ciclo nas redes sociais, sua

companheira não aceita essa possibilidade. A respeito da categoria “satisfação conjugal” e o uso do *Whatsapp*, o marido defende essa conectividade e interação a distância, enquanto a esposa acredita que o melhor é ter equilíbrio, conferindo também a não interferência na relação, mostrando, assim, a maturidade do casal.

Já o casal 3, os resultados do teste foram acima do ponto de corte referido pelas autoras, contudo houve uma diferença na categoria “comunicação”. Em relação à análise do questionário, na categoria “conjugalidade” marcada pela percepção do uso do celular, ambos acreditam que é tranquilo esse acesso e que não atrapalha a relação do casal. No item comunicação, para eles não há motivos de conflito em função do uso das tecnologias. E, por último, sobre a categoria “satisfação conjugal”, ambos acreditam na confiança entre eles e sugerem um equilíbrio no uso dos aplicativos. Esse posicionamento demonstra maturidade na relação, para esse casal. Com isso, o uso das redes sociais não constitui um elemento de influência negativa à convivência conjugal.

No casal 4, com um valor acima do corte no teste EASAVIC, a satisfação maior da relação foi percebida no resultado da esposa em relação ao marido e quanto à diferença dos valores, essa foi verificada em duas categorias: “a intimidade” e a “sexualidade”.

Nos resultados voltados para o questionário, na primeira categoria que envolve a conjugalidade para ambos, consideram ser tranquilo o recebimento das mensagens de *Whatsapp*, enquanto, na categoria “comunicação”, o esposo não vê problemas, contudo, sua esposa demonstrou desconfiança e insegurança. Na última análise, a categoria “satisfação conjugal”, que representa a percepção do uso correto do *Whatsapp*, esse por sua vez não configura um problema para o casal, demonstrando também essa maturidade na relação e o respeito entre eles.

Com o resultado do teste EASAVIC do casal 5, acima do ponto de corte, as diferenças foram sinalizadas apenas nas categorias “intimidade”, “autonomia” e “sexualidade”, tendo o padrão do marido menor do que o da esposa como foi demonstrado anteriormente.

Já na análise de conteúdo, na primeira categoria “conjugalidade”, ambos demonstraram ter curiosidade nas mensagens recebidas pelo *Whatsapp*: o marido pergunta à esposa quem enviou as mensagens, enquanto ela só relatou a curiosidade. Na categoria “comunicação”, as subcategorias: “motivos do conflito” e “aceitação de novas pessoas”, para ambos soam desconfiança na relação, o que reforça ainda mais essa insegurança do casal. Na “satisfação conjugal”, quanto ao uso do *Whatsapp*, para a esposa há uma desconfiança, e o marido optou por não responder a essa questão. O que fica evidenciado que as redes sociais têm sido um problema para eles, e a interferência que ela exerce na relação é notável, causando desconforto a ambos.

O casal 6 teve também uma pontuação acima do corte estabelecido, sinalizando uma maior satisfação da esposa com a relação. Há uma diferença significativa por parte do marido, nas categorias “intimidade”, “comunicação” e “sexualidade”, sendo este último fator de insatisfação expressa pelo marido (13/22). No questionário, na primeira categoria, destaca-se a curiosidade do marido em relação às mensagens recebidas pela esposa, mas, para ela, não há essa preocupação. No que tange à “comunicação”, ambos relataram a necessidade de uma organização do tempo para o casal, para eles as redes sociais tem sido prioridade. Já na “satisfação conjugal”, para ambos, há a necessidade de um limite para o uso das redes sociais para que o casal possa estar mais tempo juntos. Embora seja perceptível a interferência das redes sociais na relação do casal, ela não traz maiores desconfortos na relação, ambos sabem que há a necessidade da privacidade

e de limite para que as tecnologias não invadam a sua intimidade, mas não viram nesse tema uma preocupação que possa significar conflito na relação.

Os resultados da EASAVIC do Casal 7 demonstram uma avaliação positiva acima do corte com ressalvas nas categorias “intimidade” e “sexualidade”, que demonstraram uma significativa diferença. Sobre as questões aplicadas, a categoria “conjugalidade” que envolve o uso do *Whatsapp*, para o marido, o recebimento das mensagens do esposo chega a incomodar a mulher. No âmbito da “comunicação”, o casal alertou a falta de tempo na relação, mas ambos acreditam que a ferramenta tecnológica contribui com a comunicação no trabalho e com a família. Já sobre a “satisfação conjugal”, ambos relataram que não aceitam solicitação de amizade nas redes sociais sem que a pessoa faça parte de seu vínculo social, o que evidencia a interferência das redes sociais na vida do casal, mas não de forma significativa.

O casal 8 também obteve um resultado acima do ponto de corte, com a figura masculina revelando um maior grau de satisfação em comparação ao elemento feminino. E a diferença pode ser conferida nas categorias: “intimidade”, “comunicação” e “sexualidade”. No questionário, quanto à primeira categoria referente à conjugalidade que aborda a privacidade das redes sociais, o marido alegou não se importar com as mensagens recebidas pela esposa, contudo, ela diz ficar curiosa em relação ao recebimento das mensagens do cônjuge. Na segunda categoria, sobre a “comunicação”, o casal afirmou que eles precisam de mais tempo para a relação, e enquanto o marido não aceita a possibilidade de amizade pelas redes sociais de pessoas fora do seu vínculo social, sua esposa vê essa questão como uma possibilidade de atividades profissionais futuras. A “satisfação conjugal” descrita pelo uso do *Whatsapp* trouxe para ambos a reflexão acerca do respeito e da transparência na relação, o que evidencia a harmonia entre o casal, não deixando as redes sociais interferirem diretamente em sua relação.

Em relação ao casal 9, ambos se encontram acima do ponto de corte indicado pelas autoras da escala, encaixando assim na classificação de um casal satisfeito. O marido demonstrou um grau mais elevado de satisfação do que a esposa, e a diferença encontrada entre os resultados estavam apenas nas categorias: “sexualidade” e “rede social”, como foi apresentado anteriormente. Na categoria “conjugalidade” que compõem o questionário aplicado, ambos descreveram a não preocupação entre o recebimento das mensagens dos cônjuges pelas redes sociais. Para eles as mensagens, inclusive as recebidas pelo *Whatsapp*, fazem parte da individualidade da pessoa. Na categoria “comunicação”, ambos demonstraram insegurança e ciúmes das pessoas que se comunicam com eles. E foram categóricos em afirmar que não aceitam nenhum convite de pessoas que não estejam vinculados à relação social do casal. A respeito da “satisfação conjugal”, o marido defende o livre acesso às redes sociais/*Whatsapp* da esposa, enquanto ela preferiu não responder. A interferência das redes sociais nessa família demonstrou-se muito significativa, tendo impactado diretamente a convivência do casal, sendo, inclusive motivo de discussões.

Já, para o casal 10, a satisfação acima do ponto de corte foi só do marido. A esposa se encontra abaixo do ponto de corte estabelecido pelas autoras, o que demonstra uma insatisfação na relação conjugal. Na categoria “funções familiares”, a satisfação do esposo é elevada, enquanto a esposa tem uma insatisfação muito grande neste quesito. Houve por parte de ambos, uma insatisfação nas categorias “sexualidade” e “comunicação”. Já referente aos resultados do questionário, a primeira categoria a respeito da conjugalidade que é sustentada pela reação do cônjuge quando o outro recebe alguma mensagem, essa trouxe a referência de um casal extremamente inseguro e ciumento. E essa insegurança também foi constatada na categoria da “comunicação”, ou seja, os motivos que envolvem os conflitos do casal se encontram no mesmo

discurso anterior, indicando insegurança e ciúmes. Para responder a categoria “satisfação conjugal”, ambos defendem o uso de regras para a utilização das redes sociais e do *Whatsapp*, visando a não atrapalhar a relação. Assim, diante de todo o discurso desse casal, foi possível verificar a interferência direta das redes sociais na relação conjugal e isso reforça o sentimento de insegurança e ciúme de ambos.

No decorrer do processo de análise do teste EASAVIC e do questionário aplicado, constatamos que embora haja diferenças, mesmo que mínimas, em algumas categorias analisadas no resultado, a satisfação conjugal nas relações conjugais foi percebida nos casais 1, 2, 3, 4, 6 e 8, que acreditam não haver uma interferência negativa direta das redes sociais na vida deles.

Contudo, no que diz respeito a essa interferência direta nas relações, os casais 5, 9 e 10 demonstraram desconforto e preocupação. Vale ressaltar que os dois últimos obtiveram um resultado mais acentuado do que o primeiro, e o casal 10 se mostrou totalmente insatisfeito.

Quanto às limitações da investigação, houve uma certa dificuldade em encontrar a amostra por conveniência que atendesse aos critérios estabelecidos pela pesquisadora, e o item referente à recolha dos dados foi outro fator de limitação, tendo em vista que os pacientes nem sempre gostam de expor a relação para uma pesquisa, muitos deles acreditam que os relacionamentos conjugais não deveriam ser expostos. Vale ressaltar também a escassez de teoria, tanto no âmbito nacional, quanto internacional, que versam sobre a temática que envolve a interferência das redes sociais nos relacionamentos conjugais, considerada atual em virtude das novas tecnologias presentes na relação familiar.

Já no que tange aos contributos, reconhecemos a necessidade acadêmica em desenvolver investigações tendo como objeto temáticas análogas a esta, tendo em vista

o reconhecimento do impacto do digital, no viés das redes sociais, nas relações interpessoais e, de modo particular, nas relações conjugais.

A comunicação entre os casais e o uso das redes sociais são temas que necessitam constantemente de investigação acadêmica. Desse modo, a investigação conseguiu, para além de responder a todos os objectivos listados, compreender um pouco deste impacto da tecnologia e das redes sociais na vida das pessoas, possibilitado a construção de novos processos de subjetivação e, até mesmo, a resignificação das relações e da composição de um novo entendimento a respeito das categorias que serviram de parâmetro para essa pesquisa.

Esta investigação possibilitou averiguar e nos inquietar a respeito da ideia de fronteira que, subjetivamente e intersubjetivamente, construímos nas relações conjugais e as externalizamos na convivência. O fator comunicação, em um contexto de múltiplas ferramentas e redes digitais, constitui o elemento primoroso e desafiador entre os casais. Em última instância, o que está em cena são os elementos valorativos das relações humanas, que podem compor ou não a tessitura dos encontros e desencontros conjugais, elemento das tramas psíquicas, objeto das projeções e de análise em nosso campo do saber acadêmico.

Referências

- Aboim, S. (2006) Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual. *Análise Social*, vol. XLI (180), 801-825. [Em linha]. Disponível em:<<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218722486G7qLJ6ju3Yw99KV9.pdf>> .[Consultado em: 03/09/2019].
- Afonso, J. A. M. A. (2018). *Relação conjugal ao longo do ciclo de vida: satisfação, comunicação, motivação, coesão e adaptabilidade*. (Doutoramento em Psicologia Clínica), ISPA - Instituto Universitário.
- Almeida, A. (2016). *Satisfação conjugal e valores humanos dos casais de famílias intactas e recasadas*. (Mestrado em Psicologia Social), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Almeida, J. (2015). *A importância da comunicação na terapia de casais: um olhar sistêmico*. (Mestrado em Psicologia, Educação e Meio Ambiente), Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes.
- Alves, L. F. (2011). Sentimentos no psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 19(1), 147- 152.
- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2016). Casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos*, 9(1), 32-50.
- Alves, P. F., Kantorski, L. P., Coimbra, V. C. C., Oliveira, M. M. d., & Silveira, K. L. (2017). Indicadores qualitativos de satisfação em saúde mental. *Saúde em Debate*, 41, 50-59.
- Antunes, M. S. d. C. (2008). *Relação conjugal no pós-parto: Diferenças de género*. Tese apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de mestre, orientada por João

- Manuel Rosado de Miranda Justo, Lisboa. [Em linha]. Disponível em:<<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/785>>. [Consultado em: 10/04/2019].
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bereza, E.A.; Martins, J.P.; Moresco, L.; Zanoni, S.H.M.S.(2005). A influência da comunicação no relacionamento conjugal. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*, Umuarama, 9(1), jan./abr. p.31.
- Boechat, I. T., Cabral, H. L. T. B. & de Souza, C. H. M. (2018). Relacionamentos Virtuais e Família: Enlaces Interculturais. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, 15(35), 141-164.
- Borges, C. D. C., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2015). Liberdade e desejo de constituir família: percepções de jovens adultos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(3), 89-103.
- Bradbury, T. N., Fincham, F. D., & Beach, S.R.H. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: a decade in review. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 964-980.
- Camicia, E. G., Silva, S. B. D., & Schmidt, B. (2016). Abordagem da transgeracionalidade na terapia sistêmica individual: Um estudo de caso clínico. *Pensando famílias*, 20(1), 68-82.
- Campos, S. O., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. D. (2017). Transformações da conjugalidade em casamentos de longa duração. *Psicologia Clínica*, 29(1), 69-89.
- Canezin, P. F. M., & Almeida, T. d. (2015). O ciúme e as redes sociais: uma revisão sistemática. *Pensando famílias*, 19(1), 142-155.
- Castro, P. R. C. d. (2015). *Estudo sobre competências comunicacionais na intervenção psicológica em casais*. [sn].

- Clemen, P. (2015). *Como implantar uma área de comunicação interna*: São Paulo, Mauad Editora Ltda.
- Coelho, V. M. (2016). Como a psicologia sistêmica pode contribuir no processo terapêutico de casais em conflito. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 1(1), 86-104.
- Costa, C. B. d., Delatorre, M. Z., Wagner, A., & Mosmann, C. P. (2017). Terapia de casal e estratégias de resolução de conflito: Uma revisão sistemática. *Psicologia: ciência e profissão*, 37(1), 208-223.
- Costa, M. C. C. (2019). *Ficção, comunicação e mídias* (Vol. 12). São Paulo, Editora Senac.
- Coutinho, S. M. d. S. & Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações:"Que seja terno enquanto dure". *Psicologia Clínica*, 22(2), 83-106.
- De Biagi-Borges, A. L., & Rasera, E. F. (2017). O uso do desenho em terapia de casal. *Psicologia Clínica*, 29(3), 495-517.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Dias, A. Y. M. d. S., & Weber, L. N. D. (2018). Estilos parentais, satisfação conjugal e ajustamento diádico: um estudo exploratório. *International Journal of Developmental and Educational Psychology. Revista INFAD de Psicología.*, 3(1), 325-334.
- Donnamaria, C.P. & Terzis, A. (2009). Sobre a evolução de vínculos conjugais originados na Internet Arq. bras. psicol. v.61 n.3 Rio de Janeiro dez. [Em linha]. Disponível em:<

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000300009>.[Consultado em: 03/08/2019].

- Eliseu, E. d. J., & Cascaes, N. (2017). A importância da comunicação no relacionamento amoroso. *Psicologia-Tubarão, 1*(1-28).
- Espíndola, A. V., Quintana, A. M., Farias, C. P., & München, M. A. B. (2018). Relações familiares no contexto dos cuidados paliativos. *Revista Bioética, 26*(3).
- Féres-Carneiro, T., Machado, R. N., Mello, R., & Magalhães, A. S. (2017). Práticas de nomeação nas relações familiares contemporâneas. *Revista da SPAGESP, 18*(1), 4-19.
- Ferreira, M. C., Guerra, F. F., & da Silva, A. L. (2018). A Influência da Família e de um Grupo Religioso no Uso do Aplicativo Whatsapp® por Idosos. *Revista Brasileira de Gestão e Engenharia, RBGE, (17)*, 166-191.
- Ferreira, S. P. G. (2017). *As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e o Funcionamento Familiar de Famílias com Filhos Pequenos: relação entre a percepção do impacto das TIC e o número de problemas associados às mesmas no funcionamento familiar*. Dissertação de Mestrado da Universidade de Coimbra. [Em linha]. Disponível em:< <https://eg.uc.pt/handle/10316/84215>>. [Consultado em: 10/04/2019].
- Figueiredo, M. G., & Diniz, G. R. S. (2018). Mulheres, casamento e carreira: um olhar sob a perspectiva sistêmica feminista. *Nova Perspetiva Sistêmica, 27*(60), 100-119.
- Fleury, H., & Abdo, C. (2016). Terapia de casal para superar disfunções sexuais. *Diagn Tratamento, 21*(1), 45-48.
- Fonseca, P. N. d. (2016). *Satisfação conjugal e valores humanos dos casais de famílias intactas e recasadas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) -

- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. [Em linha]. Disponível em:< em:<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8534>>. [Consultado em: 20/07/2019].
- Fonseca, R. C. T., & Carvalho, A. L. N. (2016). O papel da empatia e da comunicação assertiva na satisfação conjugal em casamentos de longa duração. *Revista Polêm! ca*, 16(2), 040-058.
- Garbin, A. d., Cenci, C., & Luz, S. (2015). Dinheiro e Conjugalidade. *Revista de Psicologia da IMED*, 7(1), 72-78.
- Gray, D.E. (2012). *Pesquisa no Mundo Real*. São Paulo, Editora Penso.
- Haack, K. R., & Falcke, D. (2017). Relacionamentos.com: Diferenciando os Relacionamentos Amorosos Mediados e não Mediados pela Internet. *Revista Colombiana de Psicología*, 26(1), 31-44.
- Hernandez, J. A. E., Ribeiro, C. M., Carvalho, A. L. N., Fonseca, R. C. T., Peçanha, R. F., & de Oliveira Falcone, E. M. (2017). Revisão da estrutura fatorial da escala de satisfação conjugal. *Temas em Psicologia*, 25(4), 1977-1990.
- Hintz, H. C., Trindade, M. C., Halpern, S. C., Toschi, J., & Bronzatti, G. M. (2014). O monstro dos olhos verdes no ciberespaço: ciúme e redes sociais. In T. Almeida & (Ed.) (Eds.), *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*. (pp. 159-181). São Paulo: PoloBooks.
- Juras, M. M., & Costa, L. F. (2017). Não foi bom pai nem bom marido: Conjugalidade e parentalidade em famílias separadas de baixa renda. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 32(5).
- Lima, N. L. d., Moreira, J. d. O., Stengel, M., & Maia, L. M. (2016). As redes sociais virtuais e a dinâmica da internet. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 9(1), 90-109.

- Lima, R. D. d., & Almeida, T. d. (2016). Relacionamentos amorosos e pós-modernidade: contribuições psicodramáticas. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 24(1), 52-60.
- Mallmann, C.J. (2015). Ciúmes: do normal ao patológico. *Estud. psicanal.* no.43 Belo Horizonte jul. [Em linha]. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000100004>.[Consultado em: 03/04/2019].
- Marteletto, R.M. (2010). Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação . *Pesq. bras. ci. inf.*, Brasília, v.3, n.1,p.27-46, jan./dez.
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row.
- Mateia, E. K. (2018). O Impacto das novas tecnologias de informação e comunicação na família contemporânea: um estudo sobre as «relações entre pais e filhos».
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e Tratamento*. Trad. J.A. Cunha. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas.
- Mira , J.E. e Bodoni, P.S.B. (2011). Os impactos das redes sociais virtuais nas relações de jovens e adultos no ambiente acadêmico nacional. *Revista de Educação*, v.14 , n.17, p. 103-115.
- Monteiro, A. M. (2001). Avanços no estudo da conjugalidade: os casais de dupla carreira. *Psicologia: ciência e profissão*, 21(3), 10-19.
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 5-16.
- Narciso, I., & Costa, M. (1996). Amores Satisfeitos, mas não Perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica* , 12, pp. 115-130.
- Neves, A. S., Dias, A. S. F., & Paravidini, J. L. L. (2013). A psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade. *Psicologia Clínica*, 25(2), 73-87.

- Norgren, M. d. B. P., Souza, R. M. d., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de psicologia*, 9(3), pp.575-584.
- Oliveira, C.T.; Dias, A.C.G. e Piccoloto, N.M. (2013). Contribuições da terapia cognitivo-comportamental para as dificuldades de adaptação acadêmica .Rev. bras.ter. cogn. vol.9 no.1 Rio de Janeiro jun. [Em linha]. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872013000100003>.[Consultado em: 20/05/2019].
- Oliveira, R. S., Barros, B. M. C., & Goulart, G. M. (2016). As tecnologias da informação e comunicação na (des) construção das relações humanas contemporâneas: implicações do uso do aplicativo Tinder. *Revista Brasileira de Direito*, 12(1), 88-99.
- Peçanha, R. F., & Rangé, B. P. (2008). Terapia cognitivo-comportamental com casais: uma revisão. *Revista brasileira de terapias cognitivas*, 4(1), 0-0.
- Pereira-Silva, N. L., Dessen, M. A., & Barbosa, A. J. G. (2015). Ajustamento conjugal: comparação entre casais com e sem filhos com deficiência intelectual. *Psico-USF*, 20(2), 297-308.
- Pereira, F. A., & Fantinel, A. L. (2016). A influência das redes sociais nas (re) significações do amor e dos relacionamentos: uma breve análise de uma tira e uma charge e aplicações para o ensino. *Temática*, 12(2).
- Pereira, R. (2015). Por que não se separam: A perda da confiança no relacionamento conjugal. *Pensando familias*, 19(2), 3-20.
- Pontes, M.N. (2006). Terapia de casal: coerência de histórias. In: COLOMBO, S.F. Gritos e Sussurros: Interseções e ressonâncias, trabalhando com casais. Volume I. São Paulo: Vetor, p. 55-64.

- Razera, J., Gaspodini, I. B., de Oliveira, E. L., Neis, L. F., & Falcke, D. (2018). Terapia de Casal em Contextos de Violência Conjugal: revisão integrativa da literatura. *Contextos Clínicos*, 11(2), 107-205.
- Rebeschini, C. (2016). Vânia e Sérgio: um estudo de caso com Terapia Cognitivo-Comportamental para casal. *Saúde e Desenvolvimento Humano*, 4(2), 129-141.
- Reis, A. H., Brito, M. S., Simioni, P., Benedetti, T. B., & Neufeld, C. B. (2017). Gerenciamento da renda familiar por jovens casais. *Pensando famílias*, 21(2), 28-44.
- Rios, M. G., & Gomes, I. C. (2009). Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. *Estudos de psicologia*, 26(2), 215-225.
- Roldão, M. A. S. (2018). *O que leva os utilizadores das redes sociais a partilhar e a publicar?-Um estudo comparativo: Facebook e Instagram*.
- Rosado, J. S., & Wagner, A. (2015). Qualidade, ajustamento e satisfação conjugal: revisão sistemática da literatura. *Pensando famílias*, 19(2), 21-33.
- Santana, A., Queiroga, E., Santos, E., Freire, G., Xavier, N., & Morais, P. (2016). Redes sociais nas organizações e suas novas formas de relacionamento. *Temática*, 7(9).
- Santos, F. A. (2016). *Competências de assertividade na relação íntima*. (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde), Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., Barroso, S. M., & Santos, M. A. (2016). Fatores associados ao bem-estar subjetivo em pessoas casadas e solteiras. *Estudos de psicologia*, 33(2), 313-324.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. d. (2014). De que substância é feito o amor?: A construção da conjugalidade em Guimarães Rosa. *Revista Subjetividades*, 14(1), 18-28.

- Silva, A. C. M. (2016a). *Ciúme no facebook: os indicativos de ciúme nas redes sociais na internet*. (Mestrado em Comunicação Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Silva, A. C. M. (2016b). *Ciúme no facebook: os indicativos de ciúme nas redes sociais na internet*. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. [Em linha]. Disponível em:<<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/6401>>.[Consultado em: 10/03/2019].
- Silva, B. F. d., & Danielski, W. C. (2018). Vínculo conjugal: um estudo psicodramático das redes relacionais do cônjuge masculino. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 26(2), 23-35.
- Sílvia, C. B. d. S. (2018). *Avaliação do processo terapêutico numa perspetiva sistémica*.
- Stürmer, T. R., Marin, A. H., & Oliveira, D. S. d. (2016). Compreendendo a estrutura familiar e sua relação com a parentalidade: relato de caso de um casal em terapia de abordagem sistêmica. *Rev. Bras. Psicoter.(Online)*, 18(3), 55-68.
- Vandenberghe, L. (2006). Terapia comportamental de casal: uma retrospectiva da literatura internacional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 145-160.
- Vieira, S.P.P. (2012) *A satisfação conjugal, a personalidade e a satisfação com a vida na conjugalidade*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Escola de Psicologia e Ciências da Vida, Lisboa. [Em linha]. Disponível em:<<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/7147/DISSERTA%C3%83O%20SORAIA%20VIEIRA%20COM%20JURI.pdf?sequence=1>>.[Consultado em: 10/06/2019].

- Villa, M. B. (2002). *Habilidades sociais conjugais em casais de diferentes filiações religiosas*. Universidade de São Paulo.
- Villa, M. B., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2007). Habilidades sociais conjugais e filiação religiosa: Um estudo descritivo. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 23-32.
- Waseda, D., Lofego, L., Feijó, M. R., Chaves, U. H., & Valério, N. I. (2016). Casais homoafetivos femininos: demandas do ciclo vital familiar e aceitação social. *Pensando famílias*, 20(2), 115-131.
- Ziviani, C. (2005). Sintaxe subjacente a atitudes e percepções entre cônjuges. In: Féres-Carneiro, T. (Org.) *Casal e família: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: PUC Rio, p.58-93.

ANEXOS

Anexo A – Parecer da Comissão de Ética



Universidade Fernando Pessoa
www.ufp.pt

*Da conhecimento à
aluna e orientadora.*

PMR
15.02.2019

Exmo. Senhor
Prof. Doutor Pedro Reis
Diretor da FCBS

Porto, 13 de Fevereiro de 2019

Exmo. Senhor Prof. Doutor,

A Comissão de Ética, depois de reapreciado o projeto de investigação de Karina Simões Moura de Moura, intitulado "INTERFERÊNCIAS DAS REDES SOCIAIS NOS RELACIONAMENTOS CONJUGAIS", realizado no âmbito do 2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde, considera nada haver a opor à realização do estudo.

Com os melhores cumprimentos.

A Presidente da
Comissão de Ética da UFP

Susana Teixeira
Susana Teixeira Magalhães



Fundação Ensino e Cultura "Fernando Pessoa"

N.º 100 919 842 - Reg. (Comercial) e 76 Conservatória da Região Autónoma do Porto

REITORIA - | Faculdade de Ciências Humanas e Sociais | 1 | Faculdade de Educação e Teologia | Praça 9 de Abril, 389 - 4249-004 Porto-Portugal - T +351 22 507 1300 - F +351 22 550 8266 - geral@ufp.pt
Faculdade de Ciências da Saúde | 1 | Escola Superior de Saúde R. Carlos da Maia, 295 - 4200-150 Porto - Portugal - T +351 22 507 4830 - F +351 22 507 4831 - R. Delfim Alves, 134 - 4200-213 Porto - Portugal
T +351 22 509 9371 - geral@esad@ufp.pt. UNIDADE de Ponte de Lima - Casa da Garrida - R. Conde de Berrandós - 4990-078 Ponte de Lima-Portugal - T +351 258 741 026 - F +351 258 741 412 - geral@unidadeufp.pt

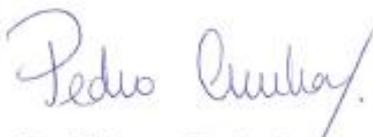
Anexo B – Declaração do professor

DECLARAÇÃO DE ORIENTADOR

Pedro Fernando Santos Silva da Cunha, Professor Associado com Agregação da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, Porto, declara, para os devidos efeitos, que tem conhecimento dos objetivos do projeto de Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde que a aluna Karina Simões Moura de Moura se encontra a desenvolver sob a minha orientação.

Nesse sentido, declaro que estou de acordo com a estrutura do trabalho apresentada pela orientanda e que a mesma irá preservar a confidencialidade e o anonimato dos participantes na investigação.

Melhores cumprimentos,



Prof. Doutor Pedro Cunha

Professor Associado com Agregação

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Universidade Fernando Pessoa

Anexo C – Solicitação para investigação

Exmo/a Sr. Fabiano Moura de Moura

Psicólogo Clínico - CRP 13/6215

Assunto: Solicitação de autorização para a investigação

O meu nome é Karina Simões Moura de Moura, sou graduada em Psicologia, pela Universidade Unipê e, neste momento, encontro-me a frequentar o 2.º ano de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde na Universidade Fernando Pessoa em Porto-PT, sob coordenação do Professor Doutor Pedro Cunha. O segundo ano do mestrado é constituído pela dissertação, sendo que irei desenvolver o seguinte tema: INTERFERÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NOS RELACIONAMENTOS CONJUGAIS.

Atendendo a uma solicitação da Comissão de Ética da UFP, venho por este meio deste, solicitar a sua autorização para começar o processo investigativo que tem como objectivo analisar a interferência das redes sociais nos relacionamentos conjugais e suas consequências.

Mais informo que guardaremos o sigilo referente a todos os envolvidos na amostra, bem como o respeito à ética que permeia na reunião das informações dadas pela entrevista.

Agradeço desde já a melhor atenção que possa dar a este assunto e encontro-me disponível para prestar os esclarecimentos que entenda necessários, deixando assim o meu contacto telefónico (0 55 83 99122-3200 celular pessoal e / ou *Whatsapp*).

Os meus melhores cumprimentos,

Karina Simões Moura de Moura

Anexo D - Autorização para a Investigação

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu, Fabiano Moura de Moura, psicólogo clínico, com consultório situado à Av. Ingá, 918, Manaíra, João Pessoa- Brasil, com registro no Conselho Federal de Psicologia CRP 13/6215, CPF número 645833254-87,

AUTORIZO

Karina Simões Moura com RG 1664486-SSP/PB, CPF 027.560.744-54, psicóloga clínica a realizar entrevista e aplicar questionário com os pacientes que atendo em meu consultório de psicologia e que livremente se dispuserem a participar realização do Projeto de Pesquisa INTERFERÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NOS RELACIONAMENTOS CONJUGAIS, que tem por objetivo primário analisar a interferência das redes sociais nos relacionamentos conjugais e suas consequências.

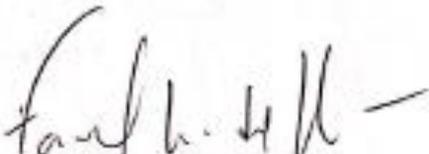
A pesquisadora acima qualificada se compromete a:

1- Iniciar a coleta de dados somente após o Projeto de Pesquisa ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

2- Obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos.

3- Assegurar a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantem que não utilizarão as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS N° 466/2012, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20 e as normas portuguesas dispostas pelo órgão de ética.

João Pessoa, 30 de janeiro de 2019.



Fabiano Moura de Moura
CRP 13/6215

Fabiano Moura de Moura
Psicólogo Clínico
CPF 13/6215 CPF 645.833.254-87

Anexo E – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Considerando a “Declaração de Helsínquia” da Associação Médica Mundial (Helsínquia 1964, Tóquio 1975, Hong Kong 1989, Somerset West 1996 e Edimburgo 2000)

Designação do Estudo (em português):

INTERFERÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NOS RELACIONAMENTOS CONJUGAIS

Eu, abaixo-assinado, _____

Compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da minha participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que, de acordo com as recomendações da Declaração de Helsínquia, a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos e, se ocorrer uma situação de prática clínica, os benefícios previstos, os riscos potenciais e o eventual desconforto. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Por isso, consinto que me seja aplicado o método ou o tratamento, se for caso disso, proposto pelo investigador.

Data: ____/____/____

Assinatura do participante: _____

O Investigador responsável:

Nome: Karina Simões Moura de Moura

Assinatura: _____

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

Anexo F– Teste EASAVIC

EASAVIC (Narciso & Costa, 1996)

Pense na sua relação conjugal. Utilize a seguinte escala de modo a expressar o que sente relativamente a cada afirmação: 1 – Nada satisfeito(a) 2- Pouco satisfeito(a) 3- Razoavelmente satisfeito(a) 4- Satisfeito(a) 5- Muito satisfeito(a) 6- Completamente satisfeito(a). Para cada um dos itens, deverá escolher a afirmação da escala que melhor descreve o que sente, rodeando o número correspondente com um círculo.

	Nada satisfeito/a	Pouco Satisfeito/a	Razoavelmente Satisfeito/a	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a	Completamente satisfeito/a
1 O modo como gerimos a nossa situação financeira.	1	2	3	4	5	6
2 A distribuição de tarefas domésticas.	1	2	3	4	5	6
3 O modo como tomamos decisões.	1	2	3	4	5	6
4 A distribuição das responsabilidades.	1	2	3	4	5	6
5 O modo como passamos os tempos livres.	1	2	3	4	5	6
6 A quantidade de tempos livres.	1	2	3	4	5	6
7 O modo como nos relacionamos com os amigos.	1	2	3	4	5	6
8 O modo como nos relacionamos com a família do(a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
9 O modo como nos relacionamos com a minha família.	1	2	3	4	5	6
10 A minha privacidade e autonomia.	1	2	3	4	5	6
11 A privacidade e autonomia do(a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
12 A nossa relação com a minha profissão.	1	2	3	4	5	6
13 A nossa relação com a profissão do(a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
14 A frequência com que conversamos.	1	2	3	4	5	6
15 O modo como conversamos.	1	2	3	4	5	6
16 Os assuntos sobre os quais conversamos.	1	2	3	4	5	6
17 A frequência dos conflitos que temos.	1	2	3	4	5	6
18 O modo como resolvemos os conflitos.	1	2	3	4	5	6
19 O que sinto pelo (a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
20 O que o meu (minha) companheiro (a) sente por mim.	1	2	3	4	5	6
21 O modo com expresse o que sinto pelo(a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6

	Nada Satisfeito/a	Pouco Satisfeito/a	Razoavelmente Satisfeito/a	Satisfeito/a	Muito Satisfeito/a	Completamente Satisfeito/a
22 O modo como o(a) meu (minha) companheiro (a) expressa o que sente por mim.	1	2	3	4	5	6
23 O desejo sexual que sinto pelo(a) meu (minha) companheiro (a)	1	2	3	4	5	6
24 O desejo sexual que o(a) meu (minha) companheiro (a) sente por mim.	1	2	3	4	5	6
25 A frequência com que temos relações sexuais.	1	2	3	4	5	6
26 O prazer que sinto quando temos relações sexuais.	1	2	3	4	5	6
27 O prazer que o(a) meu (minha) companheiro (a) sente quando temos relações sexuais.	1	2	3	4	5	6
28 A qualidade das nossas relações sexuais.	1	2	3	4	5	6
29 O apoio emocional que dou ao (à) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
30 O apoio emocional que o(a) meu (minha) companheiro (a) me dá.	1	2	3	4	5	6
31 A confiança que tenho no (na) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
32 A confiança que o(a) meu (minha) companheiro (a) tem em mim.	1	2	3	4	5	6
33 A admiração que sinto pelo (a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
34 A admiração que o (a) meu (minha) companheiro (a) sente por mim.	1	2	3	4	5	6
35 A partilha de interesses e actividades.	1	2	3	4	5	6
36 A atenção que dedico aos interesses do(a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
37 A atenção que o(a) meu (minha) companheiro (a) dedica aos meus interesses.	1	2	3	4	5	6
38 Os nossos projectos para o futuro.	1	2	3	4	5	6
39 As minhas expectativas quanto ao futuro da nossa relação.	1	2	3	4	5	6
40 As expectativas do(a) meu (minha) companheiro (a) quanto ao futuro da nossa relação.	1	2	3	4	5	6
41 O aspecto físico do(a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
42 A opinião que o/a meu (minha) companheiro (a) tem sobre o meu aspecto físico.	1	2	3	4	5	6
43 As características e hábitos do(a) meu (minha) companheiro (a).	1	2	3	4	5	6
44 A opinião que o(a) meu (minha) companheiro (a) tem sobre as minhas características e hábitos.	1	2	3	4	5	6

Anexo G– Pedido de Autorização para a aplicação do Instrumento

Pedido de Autorização para Aplicação de Instrumento (EASAVIC)

Karina Simoes Cruz Marques
16:25 (Há 2 minutos)
para inarciso, inarciso

Exma Senhora Dra Isabel Narciso,

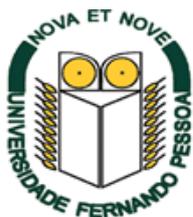
Eu, Karina Simões Moura de Moura , aluna da Universidade Fernando Pessoa - UFP/Porto, estou a frequentar o mestrado em Psicologia Clínica e venho por meio desse, solicitar a V. Sa. a autorização para a utilização do instrumento EASAVIC- Escala de Avaliação e Satisfação em Áreas da Vida Conjugal, para ser aplicado no contexto da pesquisa empírica da tese intitulada: INTERFERÊNCIA DAS REDE SOCIAIS NOS RELACIONAMENTOS CONJUGAIS, sob a orientação do Professor Doutor Pedro Cunha.

Desde modo, aguardarei na expectativa de uma aprovação para a utilização desse instrumento em meu trabalho.

Meus melhores cumprimentos,

Karina Simões Moura de Moura.

Anexo H – Questionário



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

KARINA SIMÕES MOURAD E MOURA

**TEMA: INTERFERÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NOS
RELACIONAMENTOS CONJUGAIS**

Normas da Pesquisa Acadêmica

- 1) A presente pesquisa visa a fins unicamente acadêmicos, não sendo a mesma realizada para fins de pesquisa de mercado ou afins;
- 2) O participante deverá participar dessa pesquisa por livre e espontânea vontade. Qualquer tipo de coação, se descoberta posteriormente, invalidará automaticamente a mesma;
- 3) O resultado da pesquisa estará à disposição dos inquiridos para uma posterior consulta no centro acadêmico da referida instituição.

INTERFERÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NOS RELACIONAMENTOS CONJUGAIS

(Questionário dirigido aos casais que fazem uso do *Whatsapp*)

PARTE I – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS INQUIRIDOS

Iniciais: _____

Questão 01) Idade

- ≤ 20
- 21 – 25
- 26 – 30
- 31 – 35
- 36 – 40
- ≥ 41

Questão 02) Género

- Masculino
- Feminino

Questão 03) Qual é o seu Estado Civil?

- Solteiro (a)
- Casado (a)/ União estável
- Divorciado (a)/ Separado (a)
- Viúvo (a)
- Outro: _____

Questão 04) Qual é a sua profissão?

Questão 05) Tempo de Casamento?

- Menos de 1 ano
- Entre 1 a 3 anos.
- Entre 3 a 5 anos.
- Entre 5 a 10 anos
- Mais de 10 anos

PARTE II – ASPECTOS DA INTERFERÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA VIDA CONJUGAL

Questão 06) Você faz uso de outras redes sociais além do *Whatsapp*?

Sim () Não (.....)

Questão 07) Se sua resposta foi afirmativa, qual ou quais redes sociais você utiliza?

a) _____ b) _____

c) _____ d) _____

Questão 08) Quanto tempo você passa diariamente nas redes sociais?

() meia hora () uma hora () duas horas

() três vezes ao dia () não soube explicar.

Questão 09) O que você procura/faz nas redes sociais em especial no *Whatsapp*?

Questão 10) O *Whatsapp* interfere no relacionamento de um casal?

() Sim () Não

Questão 11) Qual sua reação quando seu/sua companheiro(a) recebe uma mensagem de pessoas que você não conhece?

Questão 12) Você aceita/adiciona pessoas que não são do seu círculo de amizade?

() Sim Não ()

Questão 12.1) Se sua resposta foi positiva, qual seu interesse em aceitar/adicionar estas pessoas?

Questão 13).Quais os tipos de problemas que surgem no relacionamento com o uso do *Whatsapp*?

Questão 14) Quais seriam as melhores opções para o uso do *Whatsapp* para um casal manter um bom relacionamento?
